



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Kamilla Maria de Melo Brito

**ANÁLISE TEXTUAL-INTERATIVA DE ITENS NOMINAIS EM ANÚNCIOS DE
ESCRAVOS DO SÉCULO XIX**

CAMPINA GRANDE
2023

KAMILLA MARIA DE MELO BRITO

**ANÁLISE TEXTUAL-INTERATIVA DE ITENS NOMINAIS EM ANÚNCIOS DE
ESCRAVOS DO SÉCULO XIX**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. José Herbertt Neves
Florencio

CAMPINA GRANDE
2023

(ficha catalográfica)

Kamilla Maria de Melo Brito

**ANÁLISE TEXTUAL-INTERATIVA DE ITENS NOMINAIS EM ANÚNCIOS DE
ESCRAVOS DO SÉCULO XIX**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 15 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio (Orientador – UAL/UFCG)

Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira (Examinadora interna – UAL/UFCG)

Profa. Dra. Luciene Maria Patriota (Examinadora interna – UAL/UFCG)

CAMPINA GRANDE - PB
2023

Dedico este trabalho aos que lutam contra as injustiças, àqueles que constantemente enfrentam a opressão e a discriminação e permanecem fortes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder uma vida feliz e por renovar minhas esperanças diariamente.

À minha mãe, Cacai, por ser o meu porto seguro e por sempre me apoiar e amar incondicionalmente.

Ao meu marido, Pedro, por ser meu parceiro na vida, por ser um bom amigo e confidente e por me dedicar afeto constante.

Aos meus irmãos e irmãs, aos quais amo com dedicação. Aos meus sobrinhos e sobrinhas, por tornarem minha vida mais leve e cheia de luz. Ao meu pai, que, apesar das diferenças, aprendeu a me ouvir.

Às minhas amigas fiéis, que pacientemente compreenderam minhas ausências durante a produção deste trabalho.

Aos meus colegas de curso, Ana Clara, Gislayne, Gabriele e Ryan, por dividirem essa jornada comigo e por tornarem os dias na UFCG mais tranquilos e divertidos.

Aos meus professores, em especial ao meu orientador, Herbertt Neves, pela paciência, carinho, dedicação e conhecimentos compartilhados. Também às professoras Maria Angélica e Luciene, pelos apontamentos na banca de defesa.

Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.

Machado de Assis

RESUMO

O léxico é um dos sistemas que integra as línguas naturais. Funciona como um tipo de inventário de categorias em que são armazenadas as palavras que constituem o vocabulário dos falantes (CASTILHO, 2020). Os itens lexicais são equivalentes às palavras contidas nesse inventário e variam de acordo com os conhecimentos e o contexto em que um falante pode estar inserido. Nesta pesquisa, destacamos o uso dos substantivos e adjetivos usados nos anúncios de escravos nos jornais do século XIX, sob uma perspectiva textual-interativa de léxico (NEVES, 2020). Buscamos compreender esses itens além do seu significado literal, considerando os aspectos sociais e culturais e o contexto de produção dos anúncios. Temos como objetivo geral a compreensão do funcionamento textual-interativo de itens nominais em anúncios de escravos do século XIX. Para isso, consideramos a identificação dos itens nominais referentes a escravizados nesses anúncios, a análise de suas funções e, a partir delas, a relação entre o uso dos itens e os fatores de interação verbal presentes nos anúncios. Para tanto, utilizamos uma base teórica referente aos itens lexicais (CASTILHO, 2020; NEVES, 2000; ANTUNES, 2012), à contextualização histórica (FAUSTO, 2006; ALENCASTRO, 2000; BAQUAQUA, 1854) anúncios (CARVALHO, 1996; MOREU, 2005; MONTEIRO, 2015; MANEIRA, 2014). Esta é uma pesquisa de natureza básica, que resgata documentos antigos, o que a qualifica como documental e apresenta caráter descritivo quanto aos objetivos. Diante das análises, tivemos como resultado as diferentes funções que os itens nominais podem apresentar diante de contextos diferentes. Além disso, o uso desses itens pode variar de acordo com a intencionalidade, o veículo de publicação e a passagem das décadas. Compreendemos que os itens nominais apresentam significados distintos a depender da situação comunicativa.

Palavras-chave: Léxico. Itens nominais. Anúncios de escravos. Perspectiva textual-interativa.

ABSTRACT

ABSTRACT:

The lexicon is one of the systems that integrate natural languages. It functions as a kind of category inventory in which the words that establish the speakers' vocabulary (CASTILHO, 2020). Lexical items are equivalent to the words contained in this inventory and vary according to the knowledge and context in which a speaker may be placed. In this research, we highlight the use of nouns and adjectives used in slave announcements in 19th-century newspapers, from a textual-interactive lexicon perspective (NEVES, 2020). We seek to understand these items beyond their literal meaning, considering the social and cultural aspects and the context of the production of announcements. Our overall goal is to understand the textual-interactive function of nominal items in 19th slave announcements. To do this, we consider identifying nominal items referring to slaves in these announcements, analyzing their functions and, from there, the relation between the use of items and the verbal interaction factors present in the announcement. To do so, we use a theoretical basis regarding lexical items (CASTILHO, 2020; NEVES, 2000; ANTUNES, 2012), historical contextualization (FAUSTO, 2006; ALENCASTRO, 2000; BAQUAQUA, 1854) announcements (CARVALHO, 1996; MOREU, 2005; MONTEIRO, 2015; MANEIRA, 2014). This is basic research, that rescues old documents, which qualifies them as documental, and presents a descriptive character regarding its objectives. In face of the analyses, we had as a result the different functions that the nominal items can present in different contexts. Furthermore, the use of these items can vary according to the intentionality, the publication vehicle and the passage of the decades. We understand that nominal items present different meanings depending on the communicative situation.

Keywords: Lexicon. Nominal items. Slaves announcements. Textual-interactive perspective.

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1 – V80 Jornal A epoca 10/03/1883	50
Exemplo 2 – V70 Jornal A epoca 22/10/78	51
Exemplo 3 – F00 A Gazeta do Rio de Janeiro 25/02/1809	52
Exemplo 4 – V30 Diário Mercantil 17/03/1831	53
Exemplo 5 – A50 Jornal A Epocha 16/03/1859	54
Exemplo 6 – F70 A Actualidade 17/04/1878	54
Exemplo 7 – F20 A Gazeta do Rio de Janeiro 05/02/1820	56
Exemplo 8 – V40 A Aurora 22/06/1849	58
Exemplo 9 – A Coalizão 11/03/1866	58
Exemplo 10 – A epoca 08/03/1884	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação dos veículos de publicação e data dos anúncios escolhidos	41
Quadro 2 – Relação dos principais substantivos encontrados nos anúncios	47
Quadro 3 – Relação dos principais adjetivos encontrados nos anúncios.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PB – Português Brasileiro

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2	CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL NO SÉCULO XIX	17
2.1	História do negro no Brasil do século XIX	20
2.2	História do jornal no Brasil do século XIX	22
3	O LÉXICO SOB PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA	25
3.1	Definições do léxico e item nominal	25
3.2	Funcionamento textual-interativo de itens nominais	31
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	36
4.1	Constituição do <i>corpus</i>: anúncios de escravos no século XIX	36
4.2	Procedimentos técnicos e categorias de análise	40
4.3	Caracterização da pesquisa	43
5	OS ITENS NOMINAIS E SEU FUNCIONAMENTO NOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XIX	46
5.1	Uma compreensão geral dos itens nominais em anúncios de escravos do século XIX	46
5.2	Um olhar tridimensional para os itens nominais nos anúncios de escravos nos jornais do século XIX	49
5.2.1	Funcionalidade	50
5.2.2	Veículo de publicação	57
5.2.3	Passagem das décadas	61
5.3	Uma breve síntese das análises discutidas	63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	67

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos voltados para a língua portuguesa são vastos e complexos, o que a torna um instrumento muito versátil para aqueles que a tomam como objeto de análise. Muitas vezes, as temáticas mais abordadas são aquelas que se ligam ao conteúdo morfológico, sintático e semântico da língua. Além disso, apresentam um olhar mais estruturalista, que parte do princípio de que cada aspecto da língua pode ser analisado separadamente como constituinte da linguagem.

Em nossa pesquisa, tomaremos o léxico como material de estudo, entretanto, diferentemente do “léxico dos gramáticos” (CASTILHO, 2020), em que o foco são as formas atreladas aos sentidos gramaticais, ou seja, o estudo morfológico desse sistema, nós apresentaremos o léxico como mecanismo interativo, que atribui sentido e significado ao texto, revelando as intenções do autor e tornando mais claras as mensagens que são passadas ao leitor, assim como as possibilidades de compreender sobre a cultura, a sociedade e o público a quem o texto se destina.

Sabemos que o léxico é um sistema composto de todas as palavras do nosso idioma e que esse acervo é mutável, pois diariamente utilizamos palavras que surgem diante da necessidade de nomear novos signos, num processo chamado de lexicalização.

Após compreender o léxico como vocábulo, vemos que é impossível para um falante dominá-lo, pois há uma quantidade infinita e crescente de palavras em qualquer idioma, aquelas que ficaram obsoletas ou as que são acrescentadas à língua. Sendo assim, existe uma quantidade ilimitada de palavras que podemos usar em nossa comunicação, e é nessa interação proporcionada pela escolha dos componentes lexicais que nos concentramos.

Cada decisão que tomamos na escrita ou na oralidade está diretamente relacionada à intenção de atingir um objetivo específico, e neste trabalho buscamos compreender, por meio de uma análise interativa, como essas escolhas aconteciam e quais itens nominais eram utilizados nos anúncios de escravos do século XIX, pois, a partir deste estudo, compreendemos não somente o uso de determinadas palavras, mas também quais suas funções no texto, que tipo de discurso estava presente e que mecanismos eram utilizados nos gêneros jornalísticos da época.

Para tanto, é importante entendermos o que eram os anúncios de escravos e quais suas funções para a sociedade brasileira do século XIX. Tendo em vista que o Brasil foi um país onde boa parte da economia girava em torno do mercado de escravizados, é esperado que a

população buscassem formas eficazes de manter esse mercado ativo, visto que a condição social de uma pessoa estava diretamente ligada a quantos escravizados ela possuía.

Por muito tempo, a compra e venda de escravizados era realizada em praça pública, onde os vendedores exibiam os escravizados como objetos em vitrines, e os fregueses analisavam qual seria a melhor compra. É necessário termos em mente que o escravizado era tratado como um objeto e não como pessoa e que, durante essas feiras ao ar livre, os compradores analisavam cada detalhe do corpo, pois a aquisição de um negro jovem, saudável e de boa aparência resultava em um aproveitamento maior, uma vez que teriam mais tempo hábil de trabalho e, caso fossem revendidos, o preço seria mais alto.

Existiam funcionalidades distintas de anúncios de escravos no século XIX. Os mais comuns eram (1) o anúncio de venda de escravos, que trazia as melhores características dos escravos, sendo elas físicas e/ou com as capacidades de trabalho de cada um; (2) o de aluguel, em que os escravizados que tinham algum dom, como cozinhar ou pintar, eram alugados a outros cidadãos, e os valores arrecadados iam inteiramente ao seu senhor; e (3) o anúncio de fuga, em que os escravizados fugidos eram caracterizados nos mínimos detalhes, desde a cor da pele, que permitia aos leitores identificar a que raça esse escravizado pertencia, a quantidade de dedos e dentes que faltavam, além do dia da fuga, de onde fugiu, quais as roupas que usava e da afirmação de que qualquer ajuda dada ao escravizado seria punida nas formas da lei.

Observando esses três tipos de anúncios, podemos perceber que, embora os itens nominais utilizados sejam os mesmos, no caso da caracterização física da fuga e da venda, o objetivo por trás é completamente diferente. É essa funcionalidade interativa do léxico que vamos observar e analisar nestes textos, buscando responder ao seguinte questionamento: *qual é o funcionamento textual-interativo de itens nominais em anúncios de escravos do século XIX?*

Defendemos que as escolhas lexicais vão muito além da necessidade da comunicação; dizem respeito à intencionalidade do autor em atingir determinados objetivos, ao uso coerente e coeso de palavras para atribuição de significados e dos itens nominais para caracterização com diferentes propósitos. Posto isso, temos como objetivo geral de pesquisa *compreender o funcionamento textual-interativo de itens nominais em anúncios de escravos do século XIX*. Para tanto, dispomos de alguns objetivos específicos, sendo eles:

a) identificar os itens nominais (substantivos e adjetivos) referentes a escravos em anúncios do século XIX;

b) analisar as funções desses itens nominais na construção da textualidade dos anúncios; e

c) relacionar as funções dos itens nominais aos fatores da interação verbal envolvidos na produção dos anúncios.

Ao observar outros trabalhos, vimos que o léxico pode ser visto em muitos âmbitos e trabalhado de formas muito diferentes, seja por meio da análise descritiva e objetiva do uso da língua, seja pela identificação dos significados. Entretanto, em nenhum dos trabalhos observados, há uma preocupação em analisar as intenções do autor e o funcionamento das palavras analisadas em detrimento da interação ou situação comunicativa.

Quando se trata dos trabalhos sobre o nosso eixo temático “anúncios de escravos do século XIX” nos últimos cinco anos, encontramos algumas pesquisas sobre esse gênero voltadas para a ciência histórica. Esses trabalhos são relevantes para a compreensão da sociedade, da cultura e do funcionamento econômico brasileiro do século XIX, entre outras questões, mas nenhum deles apresenta a escolha do vocábulo como fator relevante para a construção desses saberes. Em nossa busca por trabalhos semelhantes, encontramos alguns artigos publicados em anais de revistas e um trabalho de conclusão de curso que trazem um ponto de vista histórico-econômico sobre a importância dos anúncios de escravos do século XIX.

O trabalho de Morais (2018) apresenta uma análise minuciosa dos anúncios nos jornais maranhenses do ano de 1842 e busca compreender as relações sociais entre senhores e escravos e como se estabeleceram. Nascimento (2019), em seu artigo publicado nos anais do 2º Encontro Internacional de História e Parcerias, utiliza os anúncios para analisar as características e os perfis dos escravos, assim como perceber as estratégias nas tentativas de liberdade. Para Machado (2021), em artigo publicado no 31º Simpósio Nacional de História, os anúncios em jornais podem estabelecer a relação entre senhores e escravos por uma análise discursiva, pensando sempre na representação do negro além de identificar o contexto escravagista estabelecido no Piauí no século XIX. Silva (2018) e Bergamini (2017) buscam, nos anúncios de escravos, indícios de que alguns sabiam ler e escrever. Os autores baseiam-se principalmente nos anúncios que descreviam oficinas ou anúncios de aluguel, visto que, para realizar alguns dos trabalhos solicitados, eram exigidos diferentes tipos de letramento e um deles era a leitura e a escrita.

Pensando nas referências de trabalho citadas, percebemos que as pesquisas feitas sobre anúncios de escravos se voltam muito mais para um apanhado histórico do funcionamento da escravidão e sobre o comportamento do sujeito, e não para uma análise linguística dos fatos

escritos nos jornais. A relevância da nossa pesquisa se dá, então, pelo fato de estabelecermos uma análise textual-interativa desses anúncios, buscando compreender as seleções lexicais e os impactos dessas escolhas para a construção dos fundamentos históricos que temos registrados hoje em dia.

Esta pesquisa está dividida em cinco seções, além desta introdução. Na seção 2, tratamos de uma contextualização sócio-histórica do século XIX e damos ênfase à história do negro e a história do jornal no Brasil desta época. Na seção 3, desenvolvemos as definições de léxico e dos itens nominais em uma perspectiva textual-interativa. Apresentamos nossa metodologia na seção 4, em que falamos sobre a constituição do *corpus*, os procedimentos técnicos e as categorias de análise, além de dispor sobre a caracterização desta monografia. A análise do *corpus* está presente na seção 5, na qual desenvolvemos um estudo primeiramente mais geral e depois discorremos sobre as categorias de análise uma a uma. Por fim, na seção 6, apresentamos as conclusões obtidas após a análise dos itens estudados e os resultados da pesquisa, seguido das referências bibliográficas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL DO SÉCULO XIX

Antes de nos concentrarmos no Brasil do século XIX, é importante que façamos um pequeno apanhado histórico sobre o Brasil Colônia para entendermos um pouco das questões econômicas e de como a escravidão foi inserida no nosso país.

Quando o território brasileiro foi invadido em 1500, os portugueses depararam com uma população indígena bem numerosa. De início, a relação entre portugueses e povos originários foi tranquila, visto que o intuito de Portugal era encontrar riquezas no território. Somente com a descoberta do pau-brasil, o território passou a ser visto como fonte de renda para o reino português, que, em troca da mão de obra indígena, para derrubada das árvores, dava machados, ferramentas ou outros materiais. É o que se percebe na descrição a seguir:

Nesses anos iniciais, entre 1500 e 1535, a principal atividade econômica foi a extração do pau-brasil, obtida principalmente mediante troca com os índios. As árvores não cresciam juntas, em grandes áreas, mas encontravam-se dispersas. À medida que a madeira foi-se esgotando no litoral, os europeus passaram a recorrer aos índios para obtê-la. O trabalho coletivo, especialmente a derrubada de árvores, era uma tarefa comum na sociedade tupinambá. Assim, o corte do pau-brasil podia integrar-se com relativa facilidade aos padrões tradicionais da vida indígena. Os índios forneciam a madeira e, em menor escala, farinha de mandioca, trocadas por peças de tecido, facas, canivetes e quinquilharias, objetos de pouco valor para os portugueses (FAUSTO, 2006. p. 42).

Porém, essa relação pacífica sofreu rupturas quando os portugueses colonizadores e os homens da igreja começaram a se alojar no país, impondo sua língua, sua religião e tomando os territórios para si. Os índios que não se converteram à fé católica foram escravizados, assim como aqueles capturados e entregues pelos próprios indígenas após conflitos entre tribos.

Os indígenas escravizados não compreendiam a forma compulsória de trabalho exigida pelos colonizadores. Para eles, esse tipo de ofício não fazia sentido, visto que, em sua cultura, as atividades eram realizadas puramente para garantir sua sobrevivência, ou seja, não havia um sistema de acúmulo de riquezas, não se produzia para obter lucros, e sim para que pudessem suprir suas necessidades (FAUSTO, 2006). Ademais, os cativos não se rendiam facilmente ao regime de escravatura e promoviam guerras contra os colonizadores, fugiam, se rebelavam e, graças a seus conhecimentos territoriais, obtinham grande vantagem.

Os índios resistiram às várias formas de sujeição, pela guerra, pela fuga, pela recusa ao trabalho compulsório. Em termos comparativos, as populações

indígenas tinham melhores condições de resistir do que os escravizados africanos. Enquanto estes se viam diante de um território desconhecido onde eram implantados à força, os índios se encontravam em sua casa (FAUSTO, 2006. p. 50).

Diante da dificuldade de manter os indígenas escravizados, e da necessidade de pessoas para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, os portugueses passaram a trazer os africanos capturados para serem vendidos aqui no Brasil. Os comerciantes de escravos pagavam impostos à coroa portuguesa, o que fazia dessa prática uma fonte de renda muito lucrativa, mais lucrativa até que a venda das matérias primas que eram produzidas aqui, visto que, se explorava ao máximo a força de trabalho desses povos e não havia despesas por parte da coroa na manutenção de suas vidas.

No século XIX, quase todos tinham escravizados, mesmo as famílias que não possuíam grandes riquezas tinham pelo menos dois escravizados em seu domínio. Sendo assim, a posse de escravizados, além de ser uma utilidade de mão de obra, também era uma amostra de poder e *status* social. Segundo Fausto (2006),

A escravidão foi uma instituição nacional. Penetrou toda a sociedade, condicionando seu modo de agir e de pensar. O desejo de ser dono de escravos, o esforço por obtê-los ia da classe dominante ao modesto artesão branco das cidades. Houve senhores de engenho e proprietários de minas com centenas de escravos, pequenos lavradores com dois ou três, lares domésticos, nas cidades, com apenas um escravo (FAUSTO, 2006. p. 69).

Adiantando um pouco mais a linha histórica, temos a chegada da corte portuguesa a terras brasileiras, o que causou grandes mudanças nos cenários, visto que o campo não era mais o principal local de investimentos. O Rio de Janeiro passou a ser um grande centro urbano, onde houve algumas transformações na cidade. Com a presença da corte no Rio de Janeiro, muitas famílias perderam suas casas devido à ocupação, pelos cortesãos, de pelo menos 2000 residências, bem como prédios históricos. Para Fausto (2006, p. 78), “A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural”. Houve uma grande limpeza nas ruas e pinturas nas fachadas de prédios, tudo isso para acomodar e causar boas impressões à corte portuguesa, e a mão de obra escrava foi utilizada amplamente para esses fins.

Outro acontecimento que modificou consideravelmente a vida no Brasil foi a chegada dos imigrantes após a descoberta do ouro, que transformaram a região sudeste do país em uma sociedade urbana e economicamente ampla (FAUSTO, 2006). Esse fator fez com que o Rio de Janeiro se tornasse a capital da colônia substituindo Salvador. Nesse momento, a economia

brasileira deixa de girar somente em torno do plantio e passa a explorar as riquezas minerais e o comércio com nações amigas, diante da abertura dos portos. Mais uma vez, a mão de obra escrava tornava-se, na visão da época, indispensável.

Em meio ao governo de Dom Pedro, após Dom João VI voltar à Portugal, o Brasil sofreu com a alta inflação gerada a partir da guerra da Cisplatina, essa crise colocou a população em conflito com o governo de Dom Pedro o que gerou muitas revoltas pelo território brasileiro. Diante das revoltas, Dom Pedro I foi convidado a se retirar do país, deixando seu filho de 5 anos, D. Pedro II, como representante da coroa, que assumiu o governo aos 14 anos.

Para nosso trabalho em específico, é importante citarmos outro acontecimento do segundo reinado: a luta contra a escravidão. Ela aconteceu de forma gradual, com a determinação de algumas leis como a Lei do Ventre Livre de 1871, que determinou que bebês nascidos após 28 de setembro de 1871 seriam livres, a Lei dos Sexagenários de 1885, que determinou que escravizados acima de 60 anos seriam livres, e finalmente a Lei Aurea, que determinou o fim da escravidão.

Ao contrário do que muitos pensam, a luta contra a escravidão não foi estimulada apenas por bem feitores e atos de bondade; na realidade tratava-se muito mais de questões econômicas e religiosas, para além das intensas resistências estabelecidas pelo povo negro. Para Fausto (2006),

O mundo colonial é afetado também por outro fator importante: a tendência a limitar ou a extinguir a escravidão, manifestada pelas maiores potências da época, ou seja, a Inglaterra e a França. É comum ligar-se essa tendência ao interesse britânico em ampliar mercados consumidores, a partir da vantagem obtida sobre os concorrentes com a Revolução Industrial. Entretanto, essa afirmação contém apenas uma parte da verdade. A ofensiva antiescravista decorre também dos novos movimentos nascidos nos países mais avançados da Europa, sob a influência do pensamento ilustrado e mesmo religioso, como é o caso da Inglaterra (FAUSTO, 2006. p. 108).

Em suma, a abolição da escravidão no Brasil está ligada intrinsecamente aos ataques dos navios ingleses aos navios negreiros, pois, com a dificuldade de transportar os negros africanos até os portos onde eles eram comprados, o preço dos escravizados subiu consideravelmente, o que tornava a mão de obra livre bem mais interessante. Além disso, havia uma crise na Europa, muitos europeus em situação de pobreza deixaram seus países à procura de novas oportunidades, e era muito mais econômico trazer europeus para trabalhar no país. Há ainda a questão da política do embranquecimento que ocorreu nessa época.

2.1 História do negro no Brasil do século XIX

A escravidão data de aproximadamente 3500 a.C. na Mesopotâmia. As pessoas escravizadas eram aquelas que tinham dívidas ou cometiam crimes, os prisioneiros de guerra, ou aqueles que eram comprados em situação de cativos nos portos. Esse tipo de escravidão era comum nas sociedades grega e romana, e não tinha nenhuma relação com a raça ou com o local de origem. Essa prática começou a ser utilizada pelos europeus na Idade Média pela escravização de bálticos, eslavos, mulçumanos e cristãos (Mar Mediterrâneo) durante as Cruzadas.

Segundo Alencastro (2000), a captura de pessoas deixou de ser um ato de guerra e passou a ser uma fonte de recursos econômicos para os portugueses, que viam nos povos africanos uma espécie de produto a ser vendido e explorado, sem que houvesse relação com dívidas ou crimes cometidos contra Portugal. Embora esses atos pudessem ser praticados na África, não eram considerados pelos portugueses. A escravidão no Atlântico, então, foi uma das que ocorreu baseada em razões étnicas.

Sendo assim, a escravidão no Brasil era uma questão racial, tanto que, se um negro chegasse aos portos sem ser por navio negreiro, teria que provar que era um homem livre, pois a cor da sua pele era um indicativo de ser um cativo, sendo a cor da pele uma marca indelével. A escravidão se torna algo hereditário, passado de pai para filho, e não se aplica somente aos negros, mas também aos ditos mulatos, pardos e cafuzos.

Com os portugueses fazendo da África seu principal fornecedor de escravos, homens e mulheres perderam suas identidades e humanidade no momento em que foram capturados, visto que seus nomes eram mudados e eram tratados como animais, engaiolados, mal alimentados e negligenciados. Passavam por mais sofrimento quando embarcavam nos navios negreiros, eram amontoados no porão do navio, em completa nudez, passavam fome e sede¹. Por ser um ambiente fechado e úmido, os escravizados estavam sujeitos a muitas doenças, e aqueles que apresentavam sinais graves eram lançados ao mar para morrer.

Baquaqua, escravizado que conseguiu fugir do Brasil, em sua biografia, descreve a estadia no navio negreiro da seguinte forma:

¹ Segundo Lauretino Gomes, pelo menos 1, 8 milhão morreram (p. 47). Ao longo de 350 anos, 14 corpos eram lançados ao mar por dia. Por isso os navios negreiros eram também chamados de tumbeiros.

Fomos empurrados para o porão do navio nus, os homens sendo amontoados em um lado e as mulheres no outro. O porão era tão baixo que não podíamos levantar, éramos obrigados a ficar sentados ou agachados no chão. Os dias e as noites eram iguais para nós, o sono era negado por causa da posição confinada dos nossos corpos. Estávamos desesperados, devido ao sofrimento e à fadiga. [...] O único alimento que recebíamos durante a viagem era milho ensopado fervido. Não sei dizer por quanto tempo ficamos confinados, mas parecia muito tempo. Sofríamos muito com sede, mas tudo o que precisávamos era negado. Uma caneca [79] por dia era tudo que era permitido e nada mais e muitos escravos morreram durante a viagem (BAQUAQUA, 1854. p. 36).

Ao chegar aos portos brasileiros, os negros eram vendidos em leilões e seguiam com seus donos para os locais de trabalho, podendo ser em lavouras, nas casas para trabalhos domésticos, para serem escravos de ganho, como companhia, para trabalhar com a criação de animais ou até no desenvolvimento de algumas profissões como pedreiro, carpinteiro, pintor, entre outras.

Os escravos de ganho eram aqueles que trabalhavam comumente nas ruas, como comerciantes, vendiam os produtos para seus senhores e, caso não conseguissem vender tudo, eram castigados (FELIPE, 1988). Alguns donos de escravos permitiam que uma pequena parte do ganho ficasse com o cativo, que juntava o dinheiro para comprar sua liberdade.

Os cativos de profissão eram valiosos para seus donos; quando vendidos, eram mais caros e serviam também para aluguel, dando maior lucro aos proprietários. É por isso que, na maioria dos anúncios de venda, há uma descrição completa das habilidades dos escravizados, tornando-os mais interessantes. As atividades praticadas pelos escravizados eram cansativas e contínuas, mas não havia nenhuma recompensa para seus serviços além de moradia precária, alimentação insuficiente, castigos físicos e humilhações constantes.

Como explicado anteriormente, os indígenas resistiram à escravidão, e é claro que os africanos não aceitariam esse regime de forma pacífica. Muitos registros de fuga foram relatados ao longo do século XIX; os jornais estão repletos de anúncios que provam esse hábito.

As fugas, logicamente, não ocorriam de forma pacífica. Havia rebeliões, assassinatos e agressões entre senhores e escravizados. Para Fausto (2006), “seria errôneo pensar que, enquanto os índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações entre senhores e escravizados, desde os primeiros tempos”. Sendo assim, compreendemos que os escravizados africanos, assim como os indígenas, não aceitaram

pacificamente a exploração e lutavam constantemente para se libertar de sua condição de cativo, os quilombos eram uma forma de resistência muito significativa.

Além das constantes hostilidades contra os negros, não havia nenhuma lei ou entidade que protegesse os africanos contra as barbáries da escravidão, pois, em questões judiciais, eram considerados coisas sem direitos. Segundo Jaccoud (2008), mesmo após a abolição da escravidão pela Lei Aurea, os negros permaneceram sem nenhum apoio ou direcionamento para se desenvolver economicamente dentro do país e alcançar uma vida digna e tranquila, mesmo após a liberdade, os escravizados eram vistos como inferiores o que perdurou ainda mais com a difusão das teses conhecidas como “racismo científico”.

O racismo perdura após a abolição, pois homens livres continuam a ser marginalizados e ofendidos. Esse é um problema que até hoje é enfrentado pelos negros na nossa sociedade; a marginalização dessas pessoas gerou e gera violência, desigualdade, falta de oportunidade, de reconhecimento e de respeito. O Brasil tem uma dívida bastante considerável diante do racismo estrutural que se edificou no país desde sua invasão.

A seguir explicamos o funcionamento dos jornais do século XIX, considerando as mudanças que ocorreram na imprensa diante das questões políticas da época.

2.2 História do jornal no Brasil do século XIX

A história da imprensa no Brasil tem início em 1808, quando o primeiro jornal, intitulado “A Gazeta do Rio de Janeiro”, foi impresso. Esse periódico era produzido duas vezes por semana, e sua principal função era divulgar as notícias aprovadas pelo governo. Somente em 1811 começaram a surgir jornais de iniciativas privadas, porém a censura era algo muito forte na época, e as publicações precisavam ser aprovadas previamente pelo governo.

Somente 10 anos depois, a imprensa estava juridicamente livre de censura, pois Dom João VI decretou a abolição da censura prévia. Embora previsto em lei, demorou um pouco para que a imprensa brasileira fosse realmente livre para publicar qualquer tipo de texto.

O imperador, Dom Pedro I, mesmo tendo aprovado no Brasil as Bases da Constituição Política Portuguesa, chegou a cometer censura. Para Carvalho (1996), o imperador cometeu violência contra a imprensa, como se vê na passagem: “Por ironia, o próprio imperador cometeu a primeira violência contra a imprensa brasileira. Consistiu na apreensão, pela Portaria de 15 de janeiro de 1822, de uma publicação anônima em defesa dos ideais libertários intitulada “Heroicidade Brasileira”. Apesar de a imprensa ter uma seguridade de liberdade

baseada na lei, essa autonomia não se aplicava quando se praticavam atos que prejudicasse de alguma forma o governo, ou seja, a liberdade de imprensa era parcial.

Após a chegada da corte e o aumento populacional urbano, os periódicos de iniciativa privada passaram a ser comuns nos grandes centros. Além disso, ficaram bastante populares após a declaração da independência. Os jornais deixaram de ser uma ferramenta puramente governamental para ser uma fonte de informação geral para o povo. Neles continham desde informações sobre o governo brasileiro a notícias cotidianas como o que acontecia no estrangeiro, informações sobre viagens, anúncios de remédios, cartas de leitores, anúncios de escravos, propagandas, vendas de casas e de animais, poemas, contos, comunicados políticos, entre tantas outras abordagens.

Os jornais apresentavam uma vasta multiplicidade de conteúdo, e com o tempo foram se organizando e se direcionando para públicos específicos. Em nossa pesquisa encontramos jornais direcionados a mulheres, jornais democratas, absolutistas, literários, estudantis, políticos, humorísticos, entre outros. Isso nos mostra que a imprensa brasileira, desde seu surgimento, apresenta muitas variedades para seu público, logo,

É possível incorporar ao estudo da história da imprensa não só a Literatura (crônicas, folhetins, poesias, teatro, novelas e romances), mas também a iconografia, tomando como base, respectivamente, o Romantismo, o Realismo, além das caricaturas e charges, da formação do público (inclusive feminino) e da relação entre redatores e escritores no século XIX. [...] O pensamento político é marcante em suas páginas, não apenas como reflexo de idéias já definidas, mas como espaço de produção de concepções de vertentes variadas: Absolutismos, liberalismos, positivismos, jacobinismos, socialismos, capitalismo – sejam utópicos ou pragmáticos, libertários ou repressores. As idiosincrasias pessoais mesclam-se a referências mais ordenadas. A imprensa é um espaço de progresso, liberdade, razão e reflexão, mas também de coerção, controle, conservadorismo e manipulação (MOREL, 2005. n.p).

A imprensa no geral tem caráter informativo, e no século XIX não era diferente, porém existia muito mais do que o simples dever de comunicar; os jornais eram utilizados para ditar regras, fossem de moda e estilos de vida, ou para propagar opiniões radicais que iam contra a religião e o governo. Alguns jornais tomavam lados opostos em determinados assuntos, e existia uma espécie de debate entre eles, como aqueles que apoiavam a abolição da escravidão se opunham aos que mantinham firme sua posição de escravocrata. Dessa forma, o público tinha muitas opções para escolher qual assinar, o que ocorria baseado em suas ideologias.

Esses periódicos, ao deixarem de ser uma ferramenta apenas governamental, passaram a fazer parte da vida das pessoas, e a necessidade de apresentar notícias interessantes diariamente criou uma nova forma de fazer jornalismo. Carvalho (1996) explica que havia uma busca incessante por novidades que chamassem a atenção dos assinantes para obtenção de lucro, ou seja, a imprensa era uma importante fonte econômica.

A periodicidade dos jornais do século XIX mudava de acordo com cada tipografia. Existiam aqueles que eram publicados diariamente, o que é comum aos jornais da atualidade, mas também aqueles que eram impressos semanalmente ou até mensalmente.

No que diz respeito à estrutura, os jornais apresentavam quase sempre a mesma. A maioria apresentava quatro páginas, sendo a última normalmente dedicada a anúncios e avisos. Os textos eram divididos por colunas, e esse tipo de divisão ocorre até hoje nos jornais impressos. Quanto à forma escrita da língua, ainda não havia uma padronização total; em diferentes cantos do país, palavras eram escritas de formas distintas, como por exemplo “pertender/ pretender”, “huma/uma”, “signaes/signais”. Apesar dessas diferenças na escrita, os jornais impressos ajudaram a desenvolver um certo alinhamento da grafia, visto que, antes de seu surgimento no mundo todo, as palavras eram escritas de acordo com o que o escritor as julgasse correto. A circulação de periódicos colaborou para a unificação, mesmo que de forma singela, da escrita que desenvolvemos até hoje.

Por fim, a forma impressa dos jornais do século XIX nos permite ter acesso a informações detalhadas do que aconteceu no século passado. Esses documentos estão presentes em grande número no acervo digital da Biblioteca Nacional, de onde retiramos o nosso *corpus*. Esse tipo de material, além de ser importante para entendermos um pouco sobre a sociedade da época, também nos permite um contato real com os jornalistas e o público, visto que cada jornal era direcionado a determinado grupo popular e, a partir das leituras, podemos compreender e inferir sobre os discursos ali presentes.

Estabelecemos, na seção seguinte, os fundamentos teóricos a partir dos quais desenvolvemos essa análise textual-interativa.

3 O LÉXICO SOB PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA

Nesta seção, estão dispostas as bases teóricas utilizadas nesta pesquisa, indicando os conceitos de léxico e de itens nominais (substantivos e adjetivos) sob uma perspectiva funcionalista. Além disso, apontamos a relação desses itens com o contexto em que estão inseridos, compreendendo o léxico do ponto de vista textual-interativo.

3.1 Definições de léxico e item nominal

Nossa pesquisa compreende o léxico dentro de uma perspectiva textual-interativa, que considera sua funcionalidade nos contextos comunicativos, sem invalidar a importância dos estudos voltados para estrutura e cognição (NEVES, 2020). Compreendemos, em linhas gerais, que os itens lexicais têm um papel muito importante dentro da contextualização e compreensão do que está sendo comunicado.

Os processos interativos que realizamos diariamente têm sua base fundamentalmente relacionada às escolhas lexicais que fazemos, ou seja, para que haja comunicação verbal, precisamos lançar mão das palavras que conhecemos e aplicá-las da melhor maneira possível durante nossa fala ou em uma produção textual.

Entretanto, esses não são processos mecanizados. Quando realizamos as escolhas lexicais, nos preocupamos em transmitir uma mensagem da melhor forma e selecionamos palavras que expressem melhor o que queremos, pelo menos na visão de autores de um texto. Cada uma dessas escolhas dependerá diretamente da intenção do falante, de suas crenças, de seus discursos e do ambiente social ao qual está inserido, afinal o uso da linguagem é mutável a depender da situação. Bakhtin (2015) descreve a língua como algo que é preenchido pelas crenças e os ideais do falante. Em suas palavras,

Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua ideologicamente preenchida, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um maximum de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica (BAKHTIN, 2015, p. 40).

Sendo assim, enxergamos a linguagem como algo funcional, diferente do que pode defender uma pesquisa eminentemente estruturalista, que compreende a língua apenas como um agrupamento de níveis hierárquicos que interferem diretamente no uso uns dos outros, ou

seja, fonemas interferem em morfemas, que por sua vez interferem nos sintagmas, e assim por diante.

É dado que, em tese, todo falante da língua portuguesa conhece inúmeros códigos em comum com outros falantes, afinal é assim que nos comunicamos, porém nenhum falante pode alegar conhecer todas as palavras existentes, porque elas podem variar a depender do grupo social, da idade, do gênero, da escolaridade, do letramento em áreas diversas, dos locais de trabalho, regionalidade, entre muitos fatores que geram variações linguísticas pelo país todo. Logo, nem todos os falantes compreendem todos os elementos existentes no código linguístico, e cada ação comunicativa dependerá das escolhas individuais, do espaço social e do tipo de interação que está ocorrendo, para além de outros fatores que influenciam a comunicação.

Pensando nos estudos funcionalistas da linguagem, Castilho (2020) entende que seja uma visão mais ampla da língua, que, embora considere sua estrutura, também leva em conta o fator comunicativo, a produção de sentido, as comunidades e atos de fala, as preferências, as escolhas do indivíduo, os discursos presentes nas entrelinhas da situação comunicativa, ou seja, praticamente tudo que nos cerca interfere diretamente nas nossas escolhas comunicativas. Em nossa análise, consideramos uma perspectiva funcionalista para a avaliação do léxico nos anúncios de escravos do século XIX. Sendo assim, damos foco às escolhas dos itens nominais por parte dos autores e investigamos as intenções e discursos presentes nos anúncios. Para Antunes (2012, p. 27), [...] “A linguagem intermedeia nossa relação com o mundo”, ou seja, é pela linguagem e seus usos que estabelecemos uma conexão com o mundo à nossa volta.

Assim, compreendemos o léxico como um sistema complexo a partir do qual os vocabulários são formados; cada falante tem uma variada coleção de itens lexicais que compõem seu dicionário pessoal. A formação dessa espécie de dicionário mental vai depender muito das situações comunicativas em que esse falante é inserido ao longo de sua vida, pois, a partir da interação com outros falantes, novas palavras podem ser acrescentadas ao seu vocabulário. Em síntese,

O léxico corresponde[...] ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas. Daí, porque, como admite Marcuschi (2004: 269), ‘o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social’. Todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa (ANTUNES, 2012, p. 28).

Por isso, nossas comunicações sociais são a base para formação do nosso vocabulário, e os conhecimentos adquiridos a partir dessas relações nos permitem fazer as escolhas diante dos nossos interesses comunicativos. Ademais, as palavras que adquirimos e adicionamos ao nosso vocabulário podem ser muito variadas e às vezes nem pertencer ao código linguístico português, pois encontramos no léxico de nossa língua muitos estrangeirismos, neologismos e palavras construídas a partir de ambientes interacionais novos. Alguns exemplos de palavras que surgem de contextos interativos e da necessidade de designar ou caracterizar algo novo são as gírias, os jargões e os usos específicos do mundo virtual. Na opinião de Castilho (2020),

O léxico é um inventário de categorias e subcategorias cognitivas, e de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras, ou seja, para lexicalização [...]. Ao produzir ou receber uma palavra, nossa mente refaz os caminhos da lexicalização que levam à composição do vocabulário (CASTILHO, 2020, p.110).

Para o autor, léxico e vocabulário são noções distintas da linguagem. Enquanto o léxico pode ser o agrupamento de todas as palavras existentes na língua, o vocabulário é composto no léxico, sendo, de certa forma, individual. Ou seja: cada falante desenvolve seu vocabulário a partir de escolhas possíveis no interior da diversidade lexical. Ademais, as escolhas lexicais para formação do vocabulário são de certa forma moldadas por vários fatores, entre eles a idade, o sexo, a região onde este indivíduo vive, assim como os fatores sociais e econômicos.

Sendo assim, inferimos que a sociedade molda nossas tendências lexicais e que cada indivíduo, mediante sua intencionalidade, faz escolhas diferentes dentro do vocabulário que tem. Para nós, essa concepção de sociedade que interfere diretamente nas decisões lexicais é relevante, pois acreditamos em uma construção textual-interativa dos anúncios de escravos aqui analisados. Nossa investigação busca entender as motivações e as escolhas dos itens nominais presentes em cada um dos textos, percebendo o léxico em um aspecto sociointeracional, e não como uma espécie de glossário cujo único papel é nomear coisas. Entendemos que

O léxico de uma língua não se resume a uma lista transparente e precisa de palavras com que se dá nome a essas coisas. Ou seja, o léxico não é um conjunto de etiquetas com que se marca, com que se nomeia ou rotula as coisas ao nosso redor. Tampouco a atividade da linguagem verbal constitui apenas um exercício de 'falar das coisas pelos nomes que elas têm'. A ideia de que o léxico da língua, em relação às coisas do mundo, não é uma espécie

de nomenclatura ou a outra de que a língua não é um espelho que reflete fielmente o mundo são aceitas há bastante tempo por linguistas de diferentes correntes teóricas (ANTUNES, 2012, p. 30).

A compreensão do léxico como algo complexo e cheio de significados nos faz pensar sobre as variedades de sentidos que uma palavra pode revelar. Estudando os anúncios de escravos do século XIX, percebemos que muitos itens presentes nos textos carregam sentidos que para nós, hoje em dia, são considerados pejorativos e imorais. Algumas palavras escritas no século XIX estão presentes no nosso vocabulário, entretanto as significações são distintas.

Para Antunes (2012), os falantes têm a capacidade de manipular intuitivamente e de forma eficaz as diferentes relações de sentido que as palavras apresentam, e o que vai introduzir esse manuseamento e escolhas das palavras e as atribuições de sentido são justamente as experiências dos falantes nas situações comunicativas. Nesse caso devemos considerar que os falantes, para que tenham entendimento do amplo sentido de uma determinada palavra, devem ter tido contato prévio com seus mais variados significados, podendo, assim, distingui-los.

Para melhor compreender essa mudança ou multiplicidade de significados de uma palavra tomemos como exemplo o item nominal “Escravo” que designava, em nosso país², uma pessoa de pele escura submetida à escravidão, um servo, um cativo, propriedade de um senhor, um objeto. Hoje em dia, a palavra “escravo” está repleta de estereótipos e apresenta um tom pejorativo, e, por isso, entendemos que a palavra que melhor define os abusos e crueldades da época em relação aos negros seja “escravizados”. Para nós, o significado de “escravo” caracteriza e designa os estereótipos atribuídos aos negros de forma negativa, está carregado de sentidos para além da palavra escrita.

Além disso, em uma situação em que o falante não compreende o significado atual atribuído à palavra “escravo” e faz uso dela diante de um ouvinte que compreende essa palavra como algo ofensivo, a interação entre essas pessoas pode gerar conflitos ou no mínimo um desconforto. Com isso, mais uma vez, queremos mostrar que o léxico é de uma dimensão muito maior do que a simples nomeação. A escolha e os usos, dependendo das situações interativas, podem causar compreensões distintas, daí a importância de perceber o léxico de maneira funcional, a fim de compreender os discursos alojados em cada palavra.

Ademais, o que queremos reforçar com esse exemplo é que os itens lexicais podem manter ou modificar seu sentido diante do tempo, da ideologia, do acesso a informações,

² A escravidão no Atlântico foi a única que ocorreu por razões étnicas, voltada contra pessoas pretas; baseada, então, no racismo.

diante do gênero, da idade, do grau de instrução, entre muitos outros fatores que influenciam em uma situação comunicativa. Por isso,

Os falantes de uma língua têm à sua disposição todo o conjunto lexical e dele podem extrair as palavras que desejam para expressar suas ideias, sentimentos etc. Embora todas as palavras pertençam igualmente a esse enorme conjunto, as escolhas lexicais são limitadas pelas circunstâncias. É preciso, muitas vezes, seguir determinados padrões preestabelecidos pela sociedade e reproduzir esses modelos. Delimitam, portanto, as escolhas lexicais o momento histórico, o lugar, a idade, o sexo, a profissão, o grau de instrução, o status socioeconômico e muitos outros fatores (CARDOSO, 2015, p. 118).

Daí se dá a importância de compreendermos o léxico de forma funcional, ligada a intencionalidade, situação comunicativa e compreensão entre os interlocutores, visto que não pensamos a palavra apenas em seu significado inicial e em sua estrutura. Consideramos também que os itens lexicais apresentam multiplicidade de significados que podem inclusive mudar diante do passar do tempo e dos conhecimentos prévios dos interlocutores.

A maneira estrutural como conhecemos o léxico, ou seja, a forma como atribuímos a ele a função de nomear coisas não aborda toda sua potencialidade. É relevante, por exemplo, considerar as influências que o PB sofreu desde o início de sua formação. Conhecer a ação das várias outras línguas no PB nos permite compreender de forma mais eficaz a construção do nosso idioma, e os estudos diacrônicos das palavras nos permitem verificar essa ligação e sua forma evolutiva até chegar no PB que conhecemos.

Concomitantemente a isso, é significativo que atentemos no fato de que a língua não sofreu influências apenas no início de sua formação; o léxico é constantemente mutável, seja no acréscimo de novas palavras, seja nas alterações de sentido. Além disso, devemos considerar que, mesmo hoje em dia, o PB não apresenta um vocabulário homogêneo, as diversas formas de interação mudam a depender dos fatores aos quais os falantes estão inseridos. Outro ponto relevante para essa discussão da mutação contínua do léxico vem da necessidade de nomear novas coisas que surgem o tempo todo, seja no meio virtual, ambiental ou científico, recorremos a palavras de origens africanas, indígenas e latinas, entre outras línguas estrangeiras.

Consideramos que o léxico é a junção de todas as palavras existentes em uma língua, e que a partir dessa espécie de glossário linguístico, os indivíduos, diante de situações comunicativas, agregam ao seu vocabulário novos itens lexicais e desenvolvem a partir daí sua capacidade de interação, formando espécies de gavetas mentais em que selecionam e

escolhem os melhores itens para serem aplicados na comunicação. As escolhas lexicais apresentam a real intencionalidade dos interlocutores, e, por meio delas, podemos verificar as diversas possibilidades comunicativas. Por isso, entendemos o léxico como um sistema funcional.

Agora que demonstramos nossa compreensão do léxico de uma forma funcional, passamos para as definições de itens nominais, baseadas também nas perspectivas funcionalistas. Segundo Perini (2006), os itens nominais são divididos em femininos e masculinos e neles estão classificados os adjetivos, os substantivos e os “ambivalentes”.

Os substantivos estão definidos em muitas gramáticas como a classe de palavras que designam ou nomeiam os seres e as coisas. Para Castilho (2020), essa classe de palavras está ligada fundamentalmente à base do texto, pois, sem os substantivos, a criação de um texto, seja ele falado ou escrito, é impossível.

Neves (2000) caracteriza os substantivos como denominadores de diferentes entidades, classificando-os em pelo menos dois núcleos, o primeiro sendo os substantivos comuns, que são pautados em um significado lexical simples, ou seja, têm função apenas de denominação. O segundo núcleo são os substantivos próprios, que, diferentemente dos comuns, não são vistos como uma nomeação geral, mas designam individualmente os itens a que se referem, ou seja, fazem uma identificação única do referente.

No que diz respeito às definições de adjetivos, segundo Castilho (2020), eles têm as mesmas propriedades morfológicas de número e gênero, porém os substantivos não aceitam flexões de grau e modo, distinguindo-se, assim, morfológicamente dos adjetivos. Dessa forma compreendemos que esses itens nominais são parecidos e que, muitas vezes, um mesmo item pode realizar a função de adjetivo ou substantivo. Uma das formas de diferenciar esses termos é por meio da análise das propriedades morfológicas, como, no caso dos substantivos, não há flexão de grau e modo.

A principal função dessa classe de palavras é a caracterização dos substantivos; os adjetivos não são totalmente compreendidos quando analisados de forma dissociada do termo que caracteriza. Por exemplo, ao utilizarmos o adjetivo “verde”, não conseguimos categorizar imediatamente algo concreto; nossa mente sente a necessidade de algo que acompanhe. Se utilizamos esse adjetivo como categorizador de um substantivo, temos “maçã verde”, caneta verde”, “parede verde”, automaticamente, por meio da ação cognitiva que realizamos, associamos substantivo e adjetivo a um objeto específico e conseguimos visualizá-los em nossa mente. Para Neves (2000, p.173), [...] “Os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por

um substantivo”, ou seja, os adjetivos podem ser utilizados para diferenciar os substantivos por meio de categorizações específicas, seja qualificando, como em “cama fofinha”, ou categorizando, como em “estudo científico”.

3.2 Funcionamento textual-interativo de itens nominais

Até aqui discutimos os principais conceitos que nortearam nossa pesquisa: o léxico e os itens nominais. Destacamos, ainda, que utilizamos esses conceitos baseados no funcionamento textual-interativo que apresentam. Para construção de nosso aparato teórico, então, é necessário nos aprofundarmos nessa visão interativa de léxico.

Ao buscarmos essa compreensão, visamos perceber o texto como um todo, observando as funcionalidades, as intenções pressupostas do autor, o público-alvo, os conteúdos dos anúncios, quais itens lexicais eram utilizados naquele contexto social, entre outros parâmetros em que podemos visualizar os impactos das escolhas lexicais nas construções textuais. Na opinião de Neves (2020), a análise textual-interativa é importante, pois permite uma maior compreensão da funcionalidade real da língua. Nas palavras do autor,

Só se conseguem compreender os sistemas da língua em seu real funcionamento se a análise incidir sobre o texto concreto, representativo da verdadeira unidade de significação da linguagem, que é a interação. Mais ainda: apenas no quadro da interação podemos perceber a pluralidade de sentidos que esse texto é capaz de produzir (NEVES, 2020, p. 89).

Sendo assim, nossa análise vai além de uma observação unicamente estrutural e cognitiva dos itens lexicais; acreditamos em uma investigação mais profunda partindo do todo do texto para a compreensão dos itens lexicais, buscando entender as repetições dos itens nominais, assim como em que momentos do texto costumam aparecer, sua finalidade dentro do contexto, quantas vezes aparecem, isto é, se são itens repetitivos ou com pouco uso e o porquê de esses itens serem utilizados nos anúncios de escravos do século XIX.

Identificar e analisar esses dados nos ajuda a assimilar um pouco mais sobre a sociedade brasileira da época, além de proporcionar um entendimento melhor sobre a escrita do gênero midiático e suas finalidades, especialmente no que diz respeito aos anúncios de fuga, aluguel e venda dos escravizados.

Nossa intenção neste trabalho não é a classificação e a construção de uma espécie de dicionário léxico das palavras utilizadas nos anúncios oitocentistas, mesmo porque, segundo Biderman (2005, p. 756), “É necessário que se faça um amplo e exaustivo estudo das

unidades complexas do léxico do português para que elas possam ser adequadamente descritas e registradas nos dicionários [...]”. Para a autora, a língua portuguesa exibe uma enorme heterogeneidade na escrita e especialmente na oralidade, que apresentam inúmeros sentidos para uma mesma palavra e diferentes formas de construir frases que tenham o mesmo sentido referencial utilizando palavras distintas.

Sendo assim, na perspectiva que adotamos, analisamos, sob um olhar interativo, o uso dos itens nominais (substantivos e adjetivos) utilizados nos anúncios e identificamos quais funcionalidades eles apresentam, como constroem a coesão e a coerência textual, assim como de que forma o autor utilizava esses artifícios para convencer e informar o leitor. Consideramos também a provável receptividade do leitor e os discursos presentes intrinsecamente nos anúncios analisados.

A perspectiva textual-interativa dos itens nominais nos permite perceber essas classes de palavras além de sua estrutura morfossintática e processos cognitivos de sentido, pois, partindo desse entendimento, visualizamos os itens nominais como parte elementar para compreensão dos sentidos e das intenções nas diferentes situações de fala ou escrita. A função modalizadora (CASTILHO, 2020) que aqui destacamos atribuída aos itens nominais se dá pela incumbência de sentido que podemos fazer diante de certos discursos e baseados nas escolhas dos itens, ou seja, dependendo da palavra selecionada pelo enunciador e de sua colocação no discurso, podemos compreender posicionamentos, intenções e influências.

Nesta pesquisa, preferimos utilizar o termo “itens nominais” visto que, para Perini (2006), os termos “substantivos” e “adjetivos” não compreendem completamente seu potencial em uma perspectiva funcionalista. Entretanto, para que haja uma compreensão mais ampla dos itens analisados, daremos algumas definições de substantivo e adjetivo encontradas em algumas gramáticas funcionalistas. Esse movimento permite que expliquemos de forma mais consistente a compreensão que temos dos itens nominais e de como pretendemos analisá-los.

Os substantivos são os grandes responsáveis pela nomeação de tudo aquilo que é representativo para nossa vivência, e, por isso, é a classe de palavras que apresenta o maior número de alternativas para a compreensão e significação do léxico. Para Neves (2020, p. 103), “[...] o substantivo marca, na interação, um maior número de possibilidades discursivas, sendo responsável pela organização tópica, aspecto central na delimitação da textualidade”. Nesse sentido, percebemos a importância dos substantivos no que diz respeito à análise dos itens nominais nos anúncios de escravos, visto que, em alguns anúncios, encontramos uma

forma distinta da utilização dos mesmos substantivos, algumas vezes sendo utilizados para nomear e outras para caracterizar o sujeito.

No caso dos adjetivos, com base na função modalizadora dos itens nominais, eles podem funcionar apresentando diferentes intenções, posicionamentos e discursos. De acordo com Castilho (2020), os adjetivos têm a função de qualificar, modalizar e quantificar os substantivos. Em sua função qualificadora, adiciona características aos substantivos, função mais comum; a função modalizadora indica o sentido do substantivo de forma subjetiva, ou seja, está relacionada às questões pessoais ligadas ao interlocutor; a função quantificadora é responsável por alterar a extensão dos substantivos, podendo somar ou subtrair traços semânticos aos indivíduos de um conjunto. Sendo assim, as escolhas lexicais apresentam muito mais discursos e intenções do que a gramática formal nos leva a crer. Uma palavra pode ser entendida de formas diferentes dependendo do conhecimento e do contexto em que uma pessoa está inserida. Para Neves (2020),

O modo como organizamos o mundo e, por consequência, textualizamos ideias, produzimos significados é discursivamente orientado, entendendo discurso, nesse caso, como o próprio texto em que ocorrem os fenômenos linguísticos. Isso significa que os sentidos de um item lexical não são apriorísticos, isto é, não são estabelecidos total e originariamente pelo próprio sistema da língua (como nos faz crer uma abordagem de semântica formal). O que ocorre, na verdade, é que o sistema fornece múltiplas possibilidades formuladas já em interações diversas; e essas possibilidades vão se multiplicando em outras interações, sendo resgatadas, modificadas ou ressignificadas (NEVES, 2020, p. 96).

Ademais, os nominais apresentam grande flexibilidade no que diz respeito a suas funções nos discursos, e, por isso, há uma grande dificuldade para classificar e dispor esses itens de forma unicamente estrutural. Alguns itens referenciadores podem adquirir função qualificadora, e o inverso também pode ocorrer. Perini (2006) explica essa relação de funcionalidade mútua da seguinte forma:

Historicamente, pode-se criar muitos exemplos de nominais qualificativos que adquirem referencialidade: *celular* e *maternal* eram puramente qualificativos, mas acabaram sendo usados para designar coisas. O fenômeno oposto é menos comum, mas também se verifica: é o caso de *cabeça*, que designava apenas uma coisa (tipicamente, uma parte do corpo), mas que passou a ser usado como qualificativo: um filme cabeça. Essa flexibilidade é muito típica da sintaxe do português brasileiro, e afeta exatamente o grupo de palavras a que chamo nominais (PERINI, 2006, p. 168).

Sendo assim, compreendemos que, além da variedade de sentidos que está ligada a determinado item, a forma como ele é utilizado dentro dos discursos também altera sua função. Como já discutimos anteriormente, os itens nominais apresentam inúmeras relações de sentido a eles atribuídos de acordo com o conhecimento, a intenção e o discurso de um determinado enunciador, e este sentido pode ser alterado diante da percepção do interlocutor, que pode não compreender o que está sendo dito, ou atribuir àquele discurso algo próprio de seu conhecimento de mundo.

O que também não podemos esquecer após essa compreensão de léxico sobre uma perspectiva textual-interativa é que, embora as palavras apresentem muitos significados distintos e suas funções possam ser mutáveis dependendo do uso, não podemos extrapolar alguns limites. Perini (2006) explica que as palavras têm áreas semânticas praticamente definidas e que tanto leitor quanto autor partem dessas definições no momento de interpretar e escolher os itens lexicais. Em outras palavras, existe um limite preestabelecido acerca dos possíveis significados e sentidos atribuídos a um signo. Quando observamos um texto, baseados em perspectiva funcionalista, compreendemos que não há apenas um amontoado de palavras que devem ser analisadas separadamente, mas, sim, um texto em que cada uma das palavras foi escolhida de forma ativa e premeditada para gerar uma determinada mensagem. Essa mensagem não deve ser entendida apenas em seu contexto literal. Quando consideramos quem escreveu e o que essa pessoa queria relatar, já podemos concluir muito mais do que a literalidade das palavras. Ainda mais, quando consideramos a época em que foi escrito, os costumes, a cultura, o local e para quem esse texto é endereçado, inferimos muitos outros aspectos além do literal.

Considerar todo o contexto por trás de um texto permite nos aproximarmos do escritor e perceber algumas ideias que podem ou não ter sido colocadas ali propositalmente. “Os itens lexicais empregados em um texto obedecem a regras de uso específicas de cada gênero, essas provenientes de um elemento maior, que é o campo social em que esse texto circula, seu domínio discursivo” (NEVES, 2020, p.117). Pensando nos anúncios de escravos, os itens utilizados vão ser aqueles que se relacionam melhor com o gênero midiático e suas funcionalidades. Além disso, as escolhas deles estão associadas ao contexto de produção, incluindo a sociedade da época e os discursos presentes em cada anúncio.

O que queremos pontuar aqui é a importância de considerar o contexto em uma análise lexical, visto que, ao realizar uma análise textual-interativa dos itens nominais em anúncios de escravos do século XIX, conseguimos, além de uma determinação do uso dos itens nominais,

uma noção sobre a vida dos escravizados, o funcionamento da sociedade no Brasil oitocentista e a funcionalidade da imprensa nesse período.

Sendo assim, afirmamos que estudar o léxico em uma perspectiva textual-interativa nos envolve em uma experiência complexa e rica nas mais diversas áreas do conhecimento, o que julgamos pertinente para a construção do pensamento crítico social e cultural.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo explicamos a composição do *corpus* especificando cada tema abordado nos anúncios escolhidos. Em seguida, apresentamos os procedimentos técnicos e categorias de análise e esclarecemos de que forma estruturamos o *corpus* e quais abordagens foram feitas a partir dele. Por fim, descrevemos a metodologia de pesquisa, ao definirmos quais características de pesquisa científica foram adotadas neste trabalho.

4.1 Constituição do *corpus*: anúncios de escravos no século XIX

Os anúncios presentes nos jornais do século XIX dizem muito acerca da sociedade, da cultura e da economia da época; entre tais anúncios, ricos em informações, estão os anúncios de escravos. O gênero anúncio de jornal tende a ser persuasivo, e sua finalidade discursiva é a de divulgar algo (MONTEIRO, 2015). Sendo assim, os anúncios tendem a ser chamativos e cheios de informação sobre os itens anunciados, como características físicas, localização de venda, valores e, além disso, atributos que chamam a atenção dos compradores e que despertam interesse.

No século XIX, os anúncios de escravos não apresentavam uma regularidade na sua forma escrita ou discursiva; o autor, que, na maioria das vezes, era o próprio dono dos escravizados, escolhia de que forma o anúncio deveria ser publicado. Em alguns casos, havia palavras pejorativas, discriminação e os chamados atualmente discursos de ódio, e mesmo assim os anúncios eram publicados normalmente, pois, para a época, havia normalidade no tratamento cruel e desrespeitoso com escravizados.

A intencionalidade por trás dos anúncios está diretamente ligada a sua funcionalidade, pois, ao escrevê-los, os autores escolhem as palavras que mais convém ao seu objetivo, seja a atração para a compra e aluguel, seja para a identificação nos casos de fuga. Entretanto, se observarmos com cuidado os anúncios de escravos, podemos perceber alguns pontos que vão além da caracterização. Diante das escolhas do autor, podemos inferir sobre a sociedade escravocrata, tipos de castigos, crenças, doenças, tipos de raças, entre muitos outros tópicos que, para nós, vão além da intencionalidade do autor, passam pelo discurso.

Como destaca Ferreira (2010), nos anúncios de venda de escravos, os cativos são tratados como produto, e a eles são atribuídas, quando apresentadas, características físicas

atraentes; o mais comum, porém, é que se dê mais ênfase às habilidades de trabalho dos cativos, que eram supervalorizadas. Quando um escravizado tinha habilidade para um determinado tipo de tarefa, como pedreiro, sapateiro, cozinheiro, ou qualquer outro tipo de conhecimento para serviços, seu preço era mais alto e, no que diz respeito ao comprador, o escravizado tornava-se mais interessante.

Indo além, não eram só os talentos dos escravizados que eram levados em conta; características como idade, força, temperamento e saúde também eram constantemente indicadas nos anúncios de venda (MANEIRA, 2014), pois, como dissemos anteriormente, os anúncios serviam principalmente para despertar o interesse dos possíveis compradores. Neste caso, podemos inferir que os escravizados anunciados para venda eram sempre caracterizados de forma positiva, a fim de convencer o leitor de que aquela seria uma boa compra.

Quando falamos em aluguel, entendemos que seja uma prestação de serviço pontual, uma capacidade específica que o cativo tenha e que possa ser de valia para outro além de seu senhor.

Os anúncios de aluguéis apresentam muito poucas ou nenhuma característica física, no entanto sempre expõem a habilidade principal que o escravizado está sendo pressionado a realizar. Silva (2016) informa que os anúncios de aluguel de *amas de leite* eram comuns. Muitas vezes, as cativas que tinham acabado de dar à luz, no momento em que passassem a amamentá-lo, eram separadas do bebê como um animal sem sentimentos e alugadas para amamentar os filhos de senhoras que não podiam ou não queriam amamentar os seus filhos.

Para Freyre (1963), os anúncios de fuga tinham um caráter mais científico, pois apresentavam nomenclaturas que, em seu significado, traziam muito mais informações do que se fossem lidas por quem não tem familiaridade com o assunto. Além disso, havia um caráter realista, de comprometimento com a verdade, afinal a intenção era a identificação e captura do cativo. O sociólogo nos informa que,

No caso de escravos fugidos, porém, afastaram-se dele, para se dirigirem à compreensão do leitor através de palavras que, estabelecendo "tipos de familiaridade" em torno do assunto - escravos - estabeleciam, também, nas relações necessariamente francas e inevitavelmente honestas que criavam entre o leitor, o anunciante e o objeto anunciado, alguma coisa de científico, dirigindo-se, de algum modo, à "experiência", à "compreensão" e à "reflexão crítica" do leitor: característicos, segundo o P.e Lonergan, da linguagem científica (FREYRE, 1963, p. XLVII).

Os anúncios de fuga apresentam uma riqueza de características físicas do escravizado, mas não com a intenção de torná-lo desejado aos olhos do leitor, e, sim, para facilitar seu reconhecimento, sua identificação.

Além das características físicas para reconhecimento do fugido, as habilidades de trabalho também eram pontuadas, embora com menos frequência, pois a intenção era identificar e não vender. Esse tipo de dado era importante porque os cativos fugidos tinham como forma de sobrevivência oferecer seus serviços como se fossem forros Silvia, (2014), então a habilidade unida às características físicas eram uma forma de indicação do sujeito.

No que diz respeito aos anúncios de escravos, além de toda essa intenção por trás de cada anúncio e da forma específica de caracterização presente, podemos compreender um pouco mais sobre a realidade do negro no Brasil, como esse cativo era visto aos olhos de seu dono, as crueldades sofridas e as tentativas de buscar algo de melhor, por meio das fugas, das rebeliões e das tentativas de viver como escravo de ganho para comprar sua alforria (mesmo assim, o alforriado ainda era tratado como inferior). Assim, percebemos, mais uma vez, o quanto a prática da escravidão era algo normal e bem visto para a cultura da época.

É claro que, em alguns dos jornais analisados, percebemos influência dos abolicionistas lutando contra essa prática, mas não podemos romantizar a escravidão pensando que a maior parte da sociedade era contra os abusos. Pelo contrário, devemos compreender que, durante o século XIX e mesmo diante das indicações de liberdade escrava, boa parte da sociedade brasileira lutava contra os direitos de liberdade dos negros, assim como acontece até hoje, no que diz respeito à luta contra o racismo e a favor dos direitos das pessoas pretas.

Para mais, alguns pesquisadores acreditam que os anúncios de escravos podem conter muito mais informações do que está escrito. É possível, por meio deles, identificar a cultura de maus tratos, a relação dos cativos com a família, a relação entre as diferentes raças, um pouco sobre a vida da mulher escravizada, entre outras informações valiosas para compreensão do funcionamento social e econômico da sociedade escravista no Brasil do século XIX. Percebe-se que

Os anúncios dos jornais são fontes que abrem um leque de possibilidades de análise para se estudar a escravidão. As narrativas presentes nos anúncios das fugas permitem observar a ideologia de determinada época em relação ao escravo, a forma como era visto nessa sociedade, quem era esse escravo, quais as características físicas e até mesmo psicológicas desse sujeito, seus hábitos, a forma como se vestia, se possuía vícios... enfim, permite

vislumbrar o cotidiano, a lógica que perpassava a sociedade escravocrata (MANEIRA, 2014, p. 39).

Extrapolações de interpretação, no entanto, devem ser evitadas. A compreensão de que um cativo só foge diante de uma motivação única ou por aliciamento de outros também deve ser evitada. Diferentemente do que os senhores de escravos pensavam, a fuga era repleta de dilemas e intenções. Havia resistência da escravização, porém esse não era o único ponto; alguns escravizados utilizavam-se das fugas para obter melhores condições de vida, fugir de castigos ou buscar uma renegociação de sua condição como escravizado. Em muitos casos, observava-se que

As fugas não devem, portanto, ser entendidas como mera reação ‘natural’ do escravo frente a uma sociedade violenta, ainda que seja ‘natural’ pensar que ele sentisse desejo por liberdade. Para nós, a fuga era uma experiência única, vivenciada, diferentemente por cada escravo, ocasionada por uma convergência de fatores condicionantes coligados a sua própria vontade e escolha. Dizer, simplesmente, que o escravo fugia para reafirmar sua identidade (não ser aculturado) ou para fugir da severidade de um sistema violento, são generalizações que empobrecem a discussão (DOMINGUES, 2011, p. 6-7).

Essa negociação se dava pela fuga e retorno voluntário dos escravizados às senzalas, muitas vezes acompanhados de padrinhos, senhores de escravizados que protegiam, ou melhor, aliviavam os castigos que poderiam vir após a fuga. A presença dos padrinhos é constante nos anúncios de fuga, principalmente na parte em que são oferecidas recompensas, pois, se a pessoa que devolver o escravizado o tiver apadrinhado, não receberá as gratificações. Essa ação de negar gratificação aos padrinhos era uma forma de inibir o apadrinhamento (MANEIRA, 2014).

Todos os anúncios escolhidos para nossa análise foram retirados de jornais do século XIX. Considerando a necessidade de abordarmos um anúncio de cada funcionalidade em cada década do século, temos três anúncios por decênio, sendo um de fuga, um de aluguel e um de venda.

Nos jornais analisados, buscamos por uma variedade de periódicos que abarcasse pelo menos três regiões diferentes do país. As regiões escolhidas foram Sudeste, Norte e Nordeste, a fim de compreendermos um pouco mais sobre o funcionamento da escravidão e a forma como os anúncios eram desenvolvidos em cada uma dessas regiões.

Na Região Sudeste, selecionamos os jornais *A Gazeta do Rio de Janeiro* (RJ) e *A Actualidade: Órgão do partido liberal* (MG). *A Gazeta do Rio de Janeiro*, cuja periodicidade

é diária, foi escolhida por ter sido o primeiro jornal publicado no Brasil em 1808. Esse jornal foi desenvolvido especialmente para tratar dos assuntos da coroa e publicar informes aos habitantes do Brasil; com o tempo, passou a publicar anúncios de todos os tipos, incluindo os anúncios de escravos. Quanto ao jornal *A Actualidade: Órgão do Partido Liberal*, era publicado três vezes por semana no estado de Minas Gerais. A escolha desse jornal se dá porque Minas Gerais foi o maior importador de escravizados entre províncias no século XIX; sendo assim, havia uma grande quantidade de cativos vivendo no estado.

Na Região Norte, selecionamos apenas um jornal intitulado *A Epocha: Folha política, comercial e noticiosa*, publicado diariamente no estado do Pará. Sua escolha se dá também pela grande quantidade de escravizados vivendo no estado; em Belém, de 1810 a 1850 a população escravizada era equivalente à metade dos habitantes.

Da Região Nordeste, foram selecionados quatro jornais, *A Aurora: Folha Política e Comercial*, que era publicada no estado do Maranhão e tem periodicidade desconhecida, *A Coalizão*, também publicado no Maranhão duas vezes por semana, *A Constituição*, jornal publicado no Ceará, com periodicidade diária, e *A Época: Órgão Conservador*, publicado no Piauí semanalmente. A escolha desses jornais está diretamente ligada ao fato de o Ceará ter sido a primeira província brasileira a abolir a escravidão, e, nos anúncios de escravos do *corpuss*, poderemos ver a influência dos ideais abolicionistas dos cearenses na sociedade piauiense. Nas análises, podemos verificar quais mudanças ocorreram nos anúncios de escravos no que diz respeito aos itens nominais escolhidos.

4.2 Procedimentos técnicos e categorias de análise

Nossa pesquisa parte da análise dos itens nominais nos anúncios de escravos nos jornais do século XIX. Para isso, nós precisaríamos de um material confiável que trouxesse esses documentos de forma propícia para análise.

Inicialmente optamos pela obra *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, de Gilberto Freyre (1963), imaginando que os anúncios ali presentes seriam suficientes para nossa análise. Entretanto, durante nossa investigação do material, percebemos que haveria a necessidade de ampliar o *corpus*, visto que nossa intenção é abarcar todo o século XIX, apresentando anúncios de temas diferentes em todas as décadas, e o material disponível na obra não atendia a esse critério.

Sendo assim, optamos por retirar o *corpus* de uma fonte mais completa. Durante nossas apurações, chegamos a vários *sites* contendo muitos artigos e textos sobre os anúncios,

porém nenhum material foi tão completo como o acervo digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), a Hemeroteca. Ao entrar no *site* na BNDigital³ para pesquisar os jornais, utilizamos a aba de busca “Acervo digital” e preenchemos três campos: o título (equivalente aos nomes dos jornais escolhidos), o ano de edição (referente às décadas analisadas) e o material (periódicos).

Após encontrar os arquivos desejados, era necessário verificar a detenção dos direitos autorais, facilmente encontrados na lateral de cada arquivo no formato de uma pequena lupa. Ao escolher o jornal e a década que aparecem no acervo digital, há na descrição dois *links*; o primeiro direciona o leitor para a Hemeroteca, em que estarão os exemplares categorizados por ano e número de publicação; o segundo encaminha o leitor a um exemplar específico para demonstrar o modelo do jornal escolhido. Seguimos pelo primeiro *link*.

A Hemeroteca, em alguns casos, chega a apresentar mais de 600 jornais, que foram revisados um a um em cada ano de publicação para escolher os melhores exemplares de anúncios para esta pesquisa. Sendo assim, cerca de 1500 jornais foram observados durante a construção do *corpus*. É importante ressaltar que, durante nossa observação, nos focamos nas páginas em que ficavam localizados os anúncios, ou seja, não foi necessária uma revisão geral do jornal, mas a vistoria das duas últimas páginas.

A vastidão do *corpus* se fez necessária devido à análise acerca da funcionalidade do anúncio, ou seja, do tema a ele empregado. A ideia era recolher um anúncio de cada funcionalidade em uma década específica, ou seja, em cada década do século XIX foram selecionados pelo menos um anúncio de fuga, um de venda e um de aluguel.

Entretanto, houve complicações, e, apesar de analisar tantos jornais, o anúncio de aluguel na década de 1870 não foi encontrado, assim como os anúncios de escravos como um todo da década de 1890 (após a abolição). A seguir, um quadro com os veículos de publicação e a passagem das décadas é reproduzido.

Quadro 1 - Relação dos veículos de publicação e data dos anúncios escolhidos

DÉC.	FUGA	VENDA	ALUGUEL
1800	F00 25/02/1809 Gazeta do Rio de Janeiro	V00 03/03/1809 Gazeta do Rio de Janeiro	A00 14/10/1809 Gazeta do Rio de Janeiro
1810	F10 “Aviso” 04/01/1815	V10 01/03/1815	A10 03/03/1817

³ <http://bndigital.bn.gov.br>

	Gazeta do Rio de Janeiro	Gazeta do Rio de Janeiro	Gazeta do Rio de Janeiro
1820	F20 05/02/1820 Gazeta do Rio de Janeiro	V20 13/03/1820 Gazeta do Rio de Janeiro	A20 09/02/1820 Gazeta do Rio de Janeiro
1830	F30 "Escravos Fugidos" 17/03/1831 Diário Mercantil ou Novo jornal do commercio	V30 "Vendas" 17/03/1831 Diário Mercantil ou Novo jornal do commercio	A30 "Amas de leite" 17/03/1831 Diário Mercantil ou Novo jornal do commercio
1840	F40 "Escravo Fugido" 28/04/1849 Jornal A Aurora	V40 02/06/1849 Jornal A Aurora	A40 08/09/1849 Jornal A Aurora
1850	F50 "Escravos Fugidos" 05/01/1859 Jornal A Ephoca	V50 10/01/1859 Jornal A Ephoca	A50 16/03/1859 Jornal A Ephoca
1860	F60 "Fugiu" 01/03/1862 Jornal A Coalizão	V60 "Atenção" 11/03/1866 Jornal A Coalizão	A60 "Quem precisar" 14/01/1866 Jornal A Coalizão
1870	F70 "Escravo Fugido" 30/04/1878 Jornal A Actualidade	V70 "Atenção" 09/11/1878 Jornal A Epoca	XXX
1880	F80 08/03/1884 Jornal A Epoca	V80 "Escravos à venda" 10/03/1883 Jornal A Epoca	A80 "Criada" 16/04/1882 Jornal Constituição
1890	XXX	XXX	XXX

Fonte: a Autora (2023).

Temos, então, a relação dos 26 anúncios encontrados, indicando o jornal e a data de publicação de cada um deles. Encontramos 9 anúncios de fuga, 9 de venda e 8 de aluguel. Podemos observar que os anúncios foram classificados e diferenciados por códigos, a fim de facilitar a identificação dos anúncios no decorrer das análises. Para indicar a funcionalidade dos anúncios, nós optamos por codificá-los com as letras F, para os anúncios de fuga, V, para os anúncios de venda, e A, para os anúncios de aluguel. As décadas serão identificadas de forma numérica, utilizando, após cada letra indicativa da funcionalidade, os dois últimos números dos anos referentes a cada decênio.

Exemplificando, temos: F00 indicando um anúncio de fuga ocorrido na década de 1800; V30 designando um anúncio de venda da década de 1830; A60 indicando um anúncio de aluguel da década de 1860, e assim por diante.

Esta pesquisa é organizada a partir de três categorias, sendo a primeira a funcionalidade do anúncio, ou seja, sua intenção, que se revela sobretudo no tema presente no

anúncio. A funcionalidade de venda é caracterizada pela descrição das habilidades dos cativos e às vezes por suas características físicas, assim como nos anúncios de aluguel, em uma proporção de caracterização muito menor ou inexistente. Nesses dois casos, a funcionalidade está ligada à obtenção de lucros por parte do senhor de escravizados. A funcionalidade dos anúncios de fuga é bem diferente, visto que a intenção é a identificação e captura dos escravizados a fim de evitar prejuízos. Esses anúncios contêm muitas informações sobre a vida dos escravizados, seus comportamentos e até informações sobre suas famílias, ou seja, os anúncios de fuga contêm alguns detalhes que colaboram para compreensão da escravidão no século XIX.

A segunda categoria se refere aos veículos de publicação. Aqui nós queremos compreender como os jornais anunciavam os diferentes tipos de funcionalidade, se havia muito espaço para as publicações, como eram intituladas, se havia ou não autores nomeados em cada anúncio, se esses anúncios apareciam apenas em jornais conservadores ou também em jornais de partido liberal. Enfim, analisamos os anúncios em suas diferentes formas de acordo com o local e o veículo de publicação.

A terceira categoria é a passagem das décadas, que está diretamente ligada à forma como as pessoas se referiam aos escravizados, como isso mudou através dos tempos e se mudou. Essa categoria nos ajuda a compreender as relações entre os itens nominais analisados e o período de publicação, quais termos eram mais comuns, quais caíram em desuso, de que forma os senhores de escravizados enxergavam seus cativos e como isso pode ter mudado com o passar dos anos, além de como a imprensa dispunha os anúncios em seus jornais ao passar dos anos.

4.3 Caracterização da pesquisa

Feita a caracterização do *corpus* e dos procedimentos de pesquisa, estabelecemos, então, quais métodos foram utilizados para realização desta pesquisa. Primeiramente, observamos o nosso objetivo principal, que é entender o funcionamento textual-interativo de itens nominais em anúncios de escravos do século XIX. Para isso, determinamos nosso campo de pesquisa, os anúncios de escravos do século XIX. Tais documentos constituem nosso *corpus* e foram selecionados do acervo digital da Biblioteca Nacional.

Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa científica deve se justificar pelas contribuições que pode dar aos conhecimentos humanos e ser vista como uma forma de estimular a curiosidade e a capacidade investigativa das pessoas. Nas palavras dos autores,

A Pesquisa Científica visa a conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica. O produto da pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano. Na vida acadêmica, a pesquisa é um exercício que permite despertar o espírito de investigação diante dos trabalhos e problemas sugeridos ou propostos pelos professores e orientadores (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 49).

Nossa pesquisa resgata documentos que são uma fonte rica de exploração. Além disso, possibilita uma visão nova diante dos itens nominais presentes nos anúncios analisados já que a análise se dá sob uma perspectiva textual-interativa. Ao investigar o funcionamento desses itens nos anúncios de jornais do século XIX, contribuimos para uma compreensão de léxico que considera o contexto, a intencionalidade e as escolhas do autor, havendo, assim, uma colaboração significativa quanto ao progresso do conhecimento.

Além de ressaltar a importância da pesquisa científica, os autores também descrevem os diferentes tipos de abordagens que podem ser realizadas nesse tipo de trabalho, pois os métodos utilizados vão depender da natureza da pesquisa, da situação-problema, entre outros fatores. Sendo assim, faz-se necessário informar que nossa pesquisa é de natureza básica, pois pretende gerar novos fundamentos para contribuir com o avanço científico, sem que haja aplicabilidade prática direta, caracterizada, pois, como uma pesquisa teórica.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, este trabalho é documental, visto que resgata documentos que podem ter sido analisados anteriormente, mas que agora estão, de certa forma, dispersos, e lança um olhar novo sobre eles dando-lhes atualidade e relevância como ponto de partida para novos estudos. Esses documentos, em nosso caso, são os anúncios de escravos publicados no século XIX.

Para mais, esta pesquisa apresenta caráter descritivo quanto aos seus objetivos, pois há uma análise dos dados observados, relatando suas ocorrências e seus casos, minimizadas as interferências pessoais dos pesquisadores. Basicamente, realizamos um levantamento acerca do uso do léxico no contexto dos anúncios de escravos do século XIX. Sobre a pesquisa descritiva, Prodanov e Freitas (2013) dispõem:

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Visto isso, pretendemos registrar de forma quantitativa o aparecimento dos itens lexicais a partir da observação e comparação do gênero textual escolhido, pois, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), este tipo de abordagem permite que façamos uma análise da interação entre as variáveis, além de compreendermos processos sociais, tal como a formação ou criação de opiniões de um grupo e a interpretação das particularidades e dos comportamentos dos indivíduos. Em nossa pesquisa, esse tipo de abordagem é essencial para que compreendamos as intenções diante do uso dos itens analisados no que diz respeito à sociedade da época.

Desse modo, verificamos formas distintas de classificação entre os textos, sendo elas as décadas de publicação, as funcionalidades dos anúncios (fuga, compra ou venda), os veículos e os locais de publicação. Após a análise do *corpus* e registro dos dados, realizamos um levantamento sobre a atuação da sociedade e a relação com a escravidão. Fizemos, ainda, uma análise textual-interativa das características e uso dos substantivos e adjetivos empregados para os escravizados nos anúncios.

Na seção a seguir, desenvolvemos a análise dos itens lexicais buscando compreender seu funcionamento em diferentes situações. Para isso, consideramos pelo menos três esferas, sendo elas a funcionalidade, o veículo de publicação e as mudanças que ocorrem ao passar dos anos.

5 OS ITENS NOMINAIS E SEU FUNCIONAMENTO NOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS DO SÉCULO XIX

Nesta seção, apresentamos primeiramente uma percepção dos itens nominais destacados nos anúncios de jornais analisados e salientamos sua relação com cada uma das temáticas. Em seguida, explicamos o uso de cada item nominal em três categorias, sendo elas as funcionalidades, os veículos de publicação e a passagem das décadas, apresentamos em cada uma das análises os resultados encontrados, assim como alguns exemplos de anúncios transcritos. Por fim, apresentamos uma síntese analítica dos resultados obtidos.

5.1 Uma compreensão geral dos itens nominais em anúncios de escravos do século XIX

No que diz respeito à funcionalidade dos itens nominais dentro desses anúncios, nós percebemos que há uma diferenciação na intenção de uso das palavras. Embora gramaticalmente tenham o mesmo significado, o intuito de cada escolha é diferente diante da funcionalidade do anúncio. Por exemplo, em um anúncio de venda, são utilizados basicamente substantivos que indicam as profissões e/ou habilidades dos escravizados, com a principal intenção de tornar o objeto, no caso o escravizado, desejável, interessante aos olhos do comprador. Os mesmos substantivos são utilizados em anúncios de aluguel com a finalidade de conduzir e especificar que tipo de trabalho aquele escravizado em específico pode realizar ao ser alugado. Quando se trata dos anúncios de fuga, embora sejam mais comuns os adjetivos que caracterizam o sujeito, a classificação de mão de obra exercida por cada um também é apresentada, ou seja, os mesmos substantivos utilizados nos anúncios de venda e aluguel podem aparecer nos anúncios de fuga com a principal funcionalidade de identificação do sujeito. Neste caso, os substantivos referentes às habilidades servem para identificar escravizados que, de alguma forma, conseguiram abrigo oferecendo seus serviços a outros, declarando serem forros ou oferecendo-se em troca de abrigo ou alimento.

Percebemos, então, que a diferença não está na escolha dos substantivos, mas na intenção do autor do anúncio e na proposta de cada funcionalidade, nos casos de aluguel, venda ou fuga. Os substantivos e adjetivos podem ser os mesmos, porém a intenção por trás de cada um deles e as mensagens que passam podem mudar de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Quando pensamos nos itens nominais dentro do contexto de publicação, ou seja, nos jornais em si, deparamos com um tipo de molde para os anúncios. Normalmente, utilizavam-

se muitos adjetivos. Independentemente de qual jornal está sendo analisado, os anúncios sempre apresentam uma boa quantidade de adjetivos. No caso dos substantivos, isso muda um pouco de figura. Em alguns veículos de comunicação, além da descrição física por meio de adjetivos, há uma nomeação do sujeito por meio da raça, nação ou profissão que exerce; em outros, utilizam-se apenas dois substantivos, sendo eles o nome do escravizado e sua condição de cativo, ou seja, o substantivo “escravo”. Sendo assim, podemos perceber que o uso dos substantivos vai variar de acordo com o veículo de publicação e a funcionalidade de cada anúncio, pois os anúncios de fuga sempre apresentam uma maior quantidade de adjetivos.

Pensando ainda em cada veículo de publicação, ressaltamos nossa escolha por três diferentes regiões do país, sendo elas Norte, Nordeste e Sudeste. Os itens nominais utilizados nos jornais variam de acordo com seu local de publicação, devido à cultura e às variedades linguísticas de cada estado.

Outra variável que contribui para análise dos dados é a observação dos diferentes itens nominais empregados com o passar das décadas. Algumas palavras passaram a ser utilizadas com menos frequência; outras passaram a ser utilizadas somente após algum tempo, e isso diz muito sobre a sociedade e as influências em que o contexto de publicação está inserido. Além disso, nas décadas finais do século, surge uma nova seleção de palavras utilizadas entre os anúncios devido à influência das lutas abolicionistas.

A seguir, apresentamos os itens nominais que mais se repetem nos anúncios analisados, relacionados a seus significados. No Quadro 2, apresentamos os substantivos.

Quadro 2 - Relação dos principais substantivos encontrados nos anúncios

SUBSTANTIVO	SIGNIFICADO	RECORRÊNCIA
profissões	Habilidades que os escravizados possuíam para o trabalho	16 vezes
escravo(a)	Pessoa privada de liberdade, propriedade de um senhor.	14 vezes
idade	Indicação do tempo de vida	14 vezes
nome próprio	Identificação do sujeito	10 vezes
preto(a)	Pessoa de pele negra, escura./ escravizada.	07 vezes
nação	Identificação do continente africano a qual o escravizado pertencia	05 vezes
mulato(a)	Pessoa nascida da mistura de raças entre negros e brancos/ escrava.	04 vezes
negro(a)	Pessoa de pele escura/ escravo.	03 vezes

ama de leite	Mulher que amamenta criança alheia	03 vezes
cafuzo(a)	Pessoa nascida da mistura de raças entre indígenas e negros	01 vez
molecão	Menino com um pouco mais de idade	01 vez
lacaio	Criado que acompanhava o seu amo. Servente, servo ou escravo.	01 vez

Fonte: a Autora (2023).

No Quadro 2, relacionamos os substantivos que aparecem de forma recorrente nos anúncios de escravos. Esses itens se repetem independentemente do tema analisado, e alguns deles, apesar de, em outras situações, se comportarem como adjetivos, nos casos selecionados e diante da escolha dos autores, assumem o papel de substantivo, a exemplo de “mulato”, que é um termo que aparece tanto como substantivo quanto como adjetivo.

Como podemos observar no Quadro 2, a maior parte dos substantivos que se repetem está ligada às habilidades dos sujeitos, sua condição de cativo com o uso do substantivo “escravo(a)”, idade e a indicação dos nomes dos sujeitos. A recorrência desses casos confirma a ideia de que os itens nominais são utilizados mediante a intencionalidade. Nos anúncios analisados, os substantivos que nomeiam profissões aparecem pelo menos 16 vezes, sendo os que mais ocorrem, pois, nos anúncios de venda e de aluguel, o intuito é destacar as habilidades dos escravizados a fim de aumentar o seu valor ou oferecer um serviço específico.

A seguir, listamos, no Quadro 3, os principais adjetivos encontrados no *corpus*.

Quadro 3 - Relação dos principais adjetivos encontrados nos anúncios

ADJETIVOS	SIGNIFICADO	RECORRÊNCIA
Baixo(a)	Pessoa de pequena estatura	04 vezes
Cabelos <i>corridos</i> ⁴	Cabelos lisos	03 vezes
Mulato(a)	Pessoa nascida da mistura de raças entre negros e brancos.	03 vezes
Sadio(a)	Pessoa com boa saúde	03 vezes
Estatura <i>ordinária</i>	Pessoa de baixa estatura	03 vezes
Crioulo(a)	Pessoa de cor muito escura, nascida no continente americano	02 vezes

⁴ A coluna pode apresentar pares substantivo + adjetivo para demonstrar o real sentido da expressão, porém nesses casos os adjetivos estão destacados no quadro em itálico.

<i>Boa</i> dentadura	Dentes sadios	02 vezes
<i>Pouca</i> barba	Rosto com poucos pelos	02 vezes
Magro(a)	Pessoa de corpo esguio, fino	02 vezes
Ladino(a)	Escravizado(a) que domina a língua local, apresenta habilidades domésticas	02 vezes
Pés <i>grandes e largos</i>	Indicação do tamanho dos pés	02 vezes
Gordo(a)	Pessoa que tem gordura no corpo, corpulento.	02 vezes
Claro(a)	Pessoa de pele clara	02 vezes
Alto	Pessoa de estatura acima da média	02 vezes

Fonte: a Autora (2023).

Tendo em vista que mais de 76 adjetivos diferentes puderam ser identificados nos 26 anúncios analisados, optamos por relacionar, no Quadro 3, aqueles com maior recorrência e que apresentam uma melhor base para análise.

Observamos que a maior parte dos adjetivos referentes aos escravizados diz respeito às suas características físicas. Sabemos que a utilização desses itens nominais, na maioria das vezes, serve para identificar o sujeito ao relatar seus aspectos físicos. Percebemos, ainda, que a maioria dos adjetivos se encontram em anúncios de fuga, pela sua atribuição de caracterizar os escravizados, mas também aparecem, com uma frequência um pouco menor, nos anúncios de venda e aluguel.

Na seção seguinte, demonstramos as diferenças nas atribuições dos itens nominais de acordo com três categorias de análise. Primeiramente avaliamos a ação dos substantivos e adjetivos de acordo com a funcionalidade dos anúncios, em seguida consideramos seus usos nos veículos de publicação e com o passar das décadas.

5.2 Um olhar tridimensional para os itens lexicais em anúncios de escravos nos jornais do século XIX

Nesta subseção, analisamos os itens lexicais em diferentes categorias, sendo elas as funcionalidades atribuídas em cada tema de anúncio analisado, o veículo de publicação e a forma ou a recorrência com que esses itens aparecem com o passar das décadas.

5.2.1 Funcionalidade

Os anúncios analisados foram divididos em três temas específicos, sendo eles fuga, venda e aluguel. Para facilitar a compreensão de nossa análise, dispomos os anúncios transcritos, respeitando suas grafias originais, com a finalidade de torná-los mais legíveis.

Em nossas análises, identificamos algumas diferenças de significados em uma mesma palavra a depender da finalidade e do contexto no qual está inserida. Para além disso, alguns itens funcionam ora como adjetivos, ora como substantivos, o que nos permite inferir que novamente a função do texto e a intenção do autor estão diretamente ligadas às escolhas lexicais apresentadas nos textos, incluída, aí, até mesmo a classe da palavra.

É importante ressaltar, de início, que o substantivo próprio ocorre sobretudo nos anúncios de fuga, visto que a intenção do anunciante é a identificação do sujeito. Dos 26 anúncios analisados, apenas em dois casos os nomes próprios aparecem em anúncios de venda e nenhuma vez em anúncios de aluguel. A falta da identidade dos sujeitos que estão à venda ou disponíveis para aluguel revela, pois, algo que já está bem claro para qualquer pessoa que tenha ouvido um pouco sobre os tempos da escravidão no Brasil: pessoas pretas eram tratadas como objetos, então sua identidade, sua identificação ou seu reconhecimento como pessoa pouco importava nas transações econômicas.

Para exemplificar melhor, quando há uma indicação do nome do escravizado em um anúncio de fuga, a intencionalidade presente é a de identificar o sujeito, acreditando que, ao conhecer o nome do cativo fugido, as pessoas conseguiriam distingui-lo dos outros, associando o nome às demais características apresentadas. No caso dos anúncios de venda, a utilização do substantivo próprio apresenta a nomeação do sujeito. Isso pode ser, para alguns, uma colocação simples, mas vimos anteriormente que os substantivos, sejam eles comuns ou próprios, carregam muitos significados, e a simples nomeação que ocorre no caso dos escravizados pode indicar muitas coisas. Por exemplo, se foi submetido ao cristianismo e obrigado a batizar-se com um nome cristão ou se permaneceu (em casos muito raros) com seu nome original. O uso dos nomes apenas servia para que, ao anunciar a fuga, o nome do sujeito ajudasse na captura do escravizado. Como exemplo do uso dos nomes em anúncios de venda, reproduzimos o caso a seguir:

Exemplo 1 - V80: Jornal A epoca de 10/03/1883

Escravos á venda

O abaixo assignado, procurador de d. Josefa Maria da Conceição e Rocha, faz público que sua constituinte tem para vender os seguintes escravos: Manoel, João, Julio, Pedro, Joanna, de 25, 17,

16, 15, 37 annos de idade. Outro sim: faz mais publico, que, com autorizaçãõ do respectivo juiz; vender-se-ha também, pertencentes ao orphão José, filho e tutelado de d. Josefa, estes: Ignacio, Severianno. e Jacintho de 21, 19, e 17 annos. Quem os pretender, poderá dirigir-se ao annunciante. Fazenda Riacho, em Jeromenha, 25 de Janeiro de 1883
Bertolino Alves e Rocha Filho.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Esse anúncio apresenta os nomes não pela dignidade atribuída ao sujeito, mas para fazer uma diferenciação entre os escravizados que pertencem a D. Josefa e os que pertencem a seu filho José. Outro ponto importante a destacar nesse anúncio é que é um exemplar da década de 1880, em que os rumores da abolição já existiam e ganhavam forças. Ressaltamos, inclusive, que esse anúncio não segue a mesma linha dos anúncios das outras décadas, visto que, em momento algum, destaca qualquer habilidade dos escravos, sendo as únicas informações sobre eles nome e idade. Esse foi o único anúncio de venda encontrado na década de 1880 nos quase 500 jornais observados.

O segundo caso no qual o nome da escravizada é citado, fora dos anúncios de fuga, é na venda da escravizada Esperança, mulher que fugiu do seu “senhor” e foi recapturada.

Exemplo 2 - V70 Jornal A epoca 22/10/1878

Atenção!!

Tendo sido capturada a escrava Esperança na casa de uma Sr. Ursula de tal e seu filho Abreu Bacellar, onde se achava açoitada; e querendo o abaixo assignado vende-la faz publico para conhecimento de todos que fará com a dita escrava todo e qualquer negocio até mesmo a prazo. Quem a pretender entenda-se com o Sr João Raymundo Martins, nesta cidade, ou com o abaixo assignado em sua quinta á margem do rio Parahyba, aonde se acha a referida escrava.

Theresina, 22 de outubro de 1878.

José Antonio de Lemos.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Em seu anúncio de venda, havia muitas características físicas e algumas relacionadas a agressões. No anúncio de venda em que é citado o nome dessa cativa, há o uso do substantivo próprio na intenção de situar o leitor de que ela havia sido pega, e relaciona-se este anúncio ao de fuga que apareceu em jornais anteriores. No anúncio de venda, o senhor Inácio, dono da escravizada, relata que faria qualquer negócio, o que sugere o desejo de livrar-se da escravizada.

Apresentamos os Exemplos 1 e 2 na intenção de relatar o uso dos substantivos próprios em anúncios de venda, quando raramente aparecem, e para registrar o uso contínuo

dos nomes em anúncios de fuga, que, nos jornais analisados, apresentam nomes próprios dos escravos em 100% dos casos. Tomemos como exemplo o anúncio de fuga F00.

Exemplo 3 - F00 Gazeta do Rio de Janeiro 25/02/1809

No dia de estrudo pelas 9h e meia da noite fugio a vicente Guedes de Souza huma mulata filha do Cabo de Boa Esperança por nome Dina, de estatura ordinária, clara, e com signaes de sardas pela cara; falla portuguez e inglez; cabello um pouco crespo, idade pouco mais, ou menos de vinte e cinco annos: quem della tiver noticia avisará ao mesmo na Rua da Misericórdia defronte do Açogue grande, ou na loja da Gazeta, e receberá boas alviças.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Como podemos observar, o nome de “Dina” foi utilizado não pelo respeito à identidade da escravizada, mas por mera identificação do sujeito fugido. A intencionalidade por trás do uso do substantivo próprio carrega o peso de identificação do sujeito, que é comum a todos nós. Entretanto, ao relacionarmos a recorrência desse uso em 100% dos jornais de fuga e o aparecimento dos nomes próprios apenas em dois casos muito peculiares de venda, percebemos que, embora houvesse nomes (que, em alguns casos, especialmente no caso dos africanos, não eram os nomes de batismo, mas um nome cristão imposto aos escravizados), esses nomes não eram utilizados como parte identitária da pessoa, mas como mero instrumento de identificação.

Percebemos que boa parte dos substantivos utilizados são ligados a profissões ou habilidades dos escravizados. Contrário ao que ocorre no caso dos substantivos próprios, a designação das habilidades está em quase todos os anúncios, em sua maioria nos anúncios de venda e aluguel, mas não deixa de aparecer também nos anúncios de fuga. Esse tipo de substantivo ocorre em cada uma dessas funcionalidades apresentando intenções distintas.

Quando um vendedor deseja chamar atenção do cliente e despertar interesse, busca sempre agregar ao objeto que está sendo vendido ou alugado características positivas, funções atrativas. O mesmo ocorre nos anúncios de venda e aluguel de escravizados, como já indicado, em que os cativos eram entendidos como simples objetos e, por isso, eram negociados como tal.

Especialmente nos anúncios de fuga, relatar a idade certamente serve para uma facilitação no reconhecimento do sujeito. Nos de vendas, esse mesmo atributo é utilizado para informar ao possível comprador as condições em que se encontra o escravizado, pois o preço varia de acordo com a faixa etária; se o escravizado está no auge de sua força física, o preço é maior. Um exemplo desse tipo de substantivo utilizado nos comunicados de venda é o da década de 1830, em que se vendem uma jovem de 16 anos, à qual o anunciante agrega muitos

adjetivos positivos, e um homem, ao qual são atribuídas quatro habilidades, como se observa a seguir.

Exemplo 4 - V30 Diário Mercantil 17/03/1831

Hum estrangeiro à quem reiteradas doenças obrigão a regressar à europa com precipitação, quer dispôr dos seus escravos, entre eles ha hum mulatinha de 16 annos, muito habilidosa na costura, muito linda, e bem educada, hum preto Alfaiate de agalha, outro pintor, outro bom cozinheiro de forno e fogão, caiador e pintor de perfeição, dous ditos peças, altos, e hum d'elles muito reforçado, proprios para carregar cargas ou cadeirinha ; ha tambem hum rica mobilia de sala do ultimo gosto, hum forte piano dos melhores que se tem visto, hum aparelho de louça azul, cortinados de sala, 60 peças de cassa lavradas sortidas, camas, quadros, moveis de cozinha etc. etc, o que tudo se vende junto, ou separado, na rua da Cadeia n. 19, das 8horas da manhã por diante.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Nos anúncios de venda, as características voltadas para as funções, ou seja, os substantivos que indicavam as profissões dos escravizados eram citados na intenção de agregar valor ao objeto anunciado, a visão do negro como objeto fica clara quando observamos o anúncio acima, onde os escravizados estão sendo anunciados junto a objetos como móveis e aparelhos de jantar. Quando um escravizado apresentava habilidades específicas de trabalho como pintor, alfaiate, criador e cozinheiro, seu preço aumentava, por isso o dono de escravizado fazia questão de utilizar esse tipo de substantivo nos anúncios de venda. Outro fator para o uso desses substantivos está ligado à tentativa de despertar o interesse do comprador, pois um escravizado com algum tipo de profissão é visto como algo de mais utilidade.

Além dos serviços normais exercidos pelos escravizados nas lavouras ou nas casas grandes, aqueles com alguma habilidade extra podiam render lucros ao dono por meio do ganho (um escravo de ganho trabalhava como uma espécie de terceirizado), ou como escravo para aluguel, do qual falaremos a seguir.

Os substantivos que nomeiam profissões tinham uma outra função além das ditas nos anúncios de aluguel; nesse caso, os substantivos utilizados serviam para especificar o tipo de trabalho que o escravizado anunciado conseguiria exercer. Sendo assim, desloca-se um pouco da valorização do item, e passa-se a nomear uma função distinta, na qual o destinatário vai depositar sua atenção. Quando uma pessoa buscava alugar um escravizado, não se interessava pelas características do escravizado em si, mas em uma habilidade específica que obrigatoriamente ele deveria ter, como no exemplo 5:

Exemplo 5 - A50 Jornal A Ephoca 16/03/1859

Alugão-se duas pretas, que lavão, cosinhão, e uma dellas engomma; estrada de S. Jeronimo n. 49

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Como podemos observar, a única informação sobre as escravizadas é que são mulheres e são pretas; no caso do substantivo “pretas”, o sentido intrínseco a ele não está somente na cor da pele, mas também aponta que se trata de escravizadas. Os anúncios de aluguel tendem a ser curtos e diretos, alguns partem do locatário e outros do interessado; em ambos os casos, as características pessoais ou físicas dos escravizados são deixadas de lado. O que vai importar para esse tipo de enunciado são as funções e habilidades.

No caso do Exemplo 5, somente aqueles interessados em mulheres que realizam as atividades domésticas citadas entrariam em contato com o locatário, ou seja, o interesse parte da necessidade de uma habilidade específica, e não das possibilidades a elas atribuídas ao obter um escravizado que consiga realizá-las.

Há, ainda, casos de indicação de habilidades que ocorrem nos anúncios de fuga. É importante ressaltar que, assim como nas outras funcionalidades, o uso do substantivo tem uma intencionalidade diferente. Tomemos como ponto principal o fato de que os anúncios de fuga são descritivos, visando sempre à identificação do sujeito fugido. No caso da caracterização dos trabalhos, não é diferente, como observamos no Exemplo 6:

Exemplo 6 - F70 Jornal A Actualidade 17/04/1878

Acha-se, a dias, fugido o escravo Eleuterio, pardo, alto, magro, pouca barba, cabellos corridos e poucos, com disposição para calvo, testa saliente e discampada, pés e mãos grandes; tem, as vezes, o olhar parado, como de idiota, ou de doudo, e as vezes de mau. gosta de tabernas e é dado á embriaguez; quando fugio foi vestido de preto, inclusive a camisa, por estar de luto, e é apreciador de um lenço amarrado na cabeça. É bom cozinheiro, rebocador, criador e tambem intromette-se em pintura. pedreiro & E assaz conhecido, nesta capital. por ter sido dos Srs. Dr. Lagoa coronel Magalhães e tenente Paula Castro. A sua figura demonstra ter 40 annos, pouco mais ou menos. Quem o prender e trazer ao abaixo assignado, na rua dos paulistas, n. 3, desta capital. será gratificado. Ouro-Preto, 17 de Abril de 1878.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

No caso de Eleutério, a citação às suas habilidades está ligada ao fator de identificação. Alguns escravizados que conseguiam fugir e tinham habilidades e profissões procuravam desempenhá-las a fim de conseguir algum dinheiro para fuga, algumas vezes alegando ser forro ou atribuindo um valor muito baixo a seus serviços. Por isso, alguns

anunciante exibiam as profissões de seus escravizados, intencionando facilitar a identificação.

Sendo assim, a utilidade dos substantivos que indicam as profissões varia de acordo com a funcionalidade do anúncio. Seus usos estão inteiramente ligados à intenção por trás de cada um deles. Ou seja: embora apareçam os mesmos substantivos em anúncios com finalidades diferentes, a mensagem contida vai além da significação literal da palavra. Há, pois, no léxico uma abertura para a interpretação do leitor; cada sentido atribuído a esses substantivos está diretamente ligado ao contexto em que está inserido.

Em outro caso, temos os substantivos que trazem uma carga semântica semelhante, como “mulato(a)”, “preto(a)”, “negro(a)” e “escravo(a)”; este último, o mais utilizado em todos os três temas analisados. A palavra “escravo”, hoje, carrega uma significação distinta da do século XIX, tanto que seu uso foi ressignificado atualmente, preferindo-se a palavra “escravizado”, visto que se entende a escravidão não como definidora da pessoa, e sim uma condição à qual ela foi submetida. Na época da publicação dos anúncios analisados, a palavra “escravo” tinha o caráter de nomear uma pessoa que pertence a outra, que não tem direitos e que está submetida a todo tipo de castigo e imposição de trabalho; denominava alguém privado de liberdade. Era e ainda é um item lexical que carrega muito preconceito e estereótipos, visto que se associava a cor da pele negra à falta de inteligência e falta de caráter, o negro era visto como um ser inferior que, por isso, merecia ser escravizado.

A utilização dos termos “mulato(a)”, “negro(a)” e “preto(a)”, além de indicar a cor da pele do indivíduo, também carregava o sentido de “escravo”. É importante ressaltar, como indicado na seção 2, que, no Brasil, a escravidão se dava pelo fator racial, ou seja, se a pessoa não era branca, poderia ser escravizada (isso incluía os indígenas). Embora o termo “mulato” designasse uma pessoa de pele mais clara nascida da mistura de raças entre brancos e negros, ainda define um escravizado, já que todo aquele que descendesse de um escravizado também se tornava um, exceto após a Lei do Ventre Livre. Esse uso é observado no anúncio F00:

Exemplo 3 - F00 A Gazeta do rio de Janeiro 25/02/1809

No dia de estrudo pelas 9h e meia da noite fugio a vicente Guedes de Souza huma mulata filha do Cabo de Boa Esperança por nome Dina, de estatura ordinária, clara, e com signaes de sardas pela cara; falla portuguez e inglez; cabello um pouco crespo, idade pouco mais, ou menos de vinte e cinco annos: quem della tiver noticia avisará ao mesmo na Rua da Misericórdia defronte do Açogue grande, ou na loja da Gazeta, e receberá boas alviçaras.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Como podemos observar, o substantivo “mulata” apresenta, além de seu significado literal, uma carga de sentido atribuída à palavra “escrava”. Nesse caso, serve tanto para classificar o sujeito como cativo quanto para ajudar na identificação, pois a cor da pele é uma característica física que facilita o reconhecimento, algo que é importante nos anúncios de fuga. No contexto do anúncio F00, identificam-se os dois significados inerentes a essa palavra.

Os substantivos referentes aos escravizados utilizados nos anúncios analisados são detentores de muitos sentidos e intencionalidades, como pudemos observar. Mesmo aqueles que repetem, dependendo do contexto ao qual estão submetidos, podem expressar e indicar finalidades e significados diferentes. Sendo assim, relacionamos os exemplos com a ideia de que, quando temos uma visão mais ampla sobre os itens lexicais, compreendemos seus significados e percebemos as mensagens que podem ser percebidas nas entrelinhas do texto.

Assim como os substantivos, os adjetivos são escolhidos de acordo com as intencionalidades por trás de cada anúncio. Nos exemplos, podemos ver essa relação entre escolha e contexto de forma mais evidente, como em F20, a seguir.

Exemplo 7 - F20 A Gazeta do Rio de Janeiro 05/02/1820

No dia 28 de janeiro proximo passado fugirão duas negras da rua do Rozario caza n° 39, huma chama-se Maria, nação Cabinda, baixa e alguma couza gorda, outra Thereza, fula de rosto, quem souber das ditas dirija-se à dita caza, que se lhe darão alviças. Com as ditas fugio um preto chamado André, que é cego de hum olho.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

No anúncio de fuga da década de 1820, nós temos adjetivos (e expressões adjetivas) como “gorda”, “baixa”, “cego” e “fula de rosto”. Quando analisamos o contexto nos quais esses itens foram empregados, vemos que se trata de um anúncio de fuga, em que a maior intenção é localizar os fugitivos. Aqui não há nenhuma pretensão em exaltar qualquer habilidade ou característica dos escravizados; pelo contrário, os adjetivos utilizados dentro desse contexto têm intrínsecos a eles um tom pejorativo. Observemos, então, o anúncio de venda da década de 1830.

Exemplo 4 - V30 Diário Mercantil 17/03/1831

Hum estrangeiro à quem reiteradas doenças obrigão a regressar à europa com precipitação, quer dispôr dos seus escravos, entre eles ha huma mulatinha de 16 annos, muito habilidosa na costura, muito linda, e bem educada, hum preto Alfaiate de agalha, outro pintor, outro bom cozinheiro de forno e fogão, caiaador e pintor de perfeição, dous ditos peças, altos, e hum d’elles muito reforçado, proprios para carregar cargas ou cadeirinha ; ha tambem huma

rica mobilia de sala do ultimo gosto, hum forte piano dos melhores que se tem visto, hum aparelho de louça azul, cortinados de sala, 60 peças de cassa lavradas sortidas, camas, quadros, moveis de cozinha etc. etc, o que tudo se vende junto, ou separado, na rua da Cadeia n. 19, das 8horas da manhã por diante.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Nesse exemplo, os adjetivos utilizados são “habilidosa”, “linda” e “educada”. Conseguimos identificar a diferença nas escolhas dos itens lexicais ao descrever os cativos que estão sendo vendidos e os escravizados fugidos do anúncio anterior (F20). Quando há um anúncio de venda, a intencionalidade é atrair compradores, e, por isso, só são atribuídas boas qualidades. O mesmo acontece com os escravizados que estão sendo vendidos no mesmo anúncio; eles podem não ter tantos atributos físicos e podem não ser tão educados, logo o anunciante dá destaque às suas habilidades de trabalho utilizando substantivos como “criador”, “pintor”, “alfaiate”, entre outros. Nos casos de anúncio de aluguel, os textos tendem a ser um pouco mais concisos, e não apresentam tantas características físicas dos escravizados.

Essa diferença nas escolhas dos atributos dados a cada um dos escravizados nos permite reafirmar que os itens lexicais são escolhidos mediante o propósito de cada discurso. Quando a intenção é recuperar o escravizado fugitivo, há uma descrição física detalhada; se a intenção é venda, são utilizados os itens nominais que sejam mais atrativos; nos casos de aluguel, quase não há adjetivos nos anúncios, pois o foco é o oferecimento de serviços, e não do escravizado em si, com destaque, portanto, sempre nas funções que este poderia realizar.

Ao realizar a análise textual-interativa dos itens lexicais, compreendemos que tanto os substantivos quanto os adjetivos são escolhidos diante dos objetivos de cada anúncio. O contexto em que estão inseridos molda os sentidos a eles empregados, e, por isso, um mesmo item lexical pode apresentar significados diferentes dentro de anúncios distintos, ou apresentar mais de um significado em um mesmo anúncio.

5.2.2 Veículo de publicação

Observamos anteriormente as funcionalidades empregadas a cada anúncio. Após isso, devemos perceber as diferenças entre os veículos de publicação. Os jornais escolhidos para análise foram publicados em pelo menos três regiões distintas do país, e os itens lexicais utilizados em cada uma delas se diferenciavam por questões culturais e regionais. Outro ponto

interessante é observar a forma como os textos eram escritos e suas preferências nas escolhas dos itens nominais atribuídos aos escravizados.

O primeiro ponto de diferenciação entre os jornais são as escolhas dos itens lexicais na região Nordeste. Ambas as regiões utilizam termos comuns a todo país, como “baixo”, “gordo”, “cozinheiro”, porém a região Nordeste apresenta alguns elementos distintos na descrição dos escravizados. Observemos um anúncio de venda do jornal “A aurora”.

Exemplo 8 - V40 A Aurora 22/06/1849

Vendas

HUMA ESCRAVA moça, crioula, de 16 a 18 anos de idade, sadia, parida de pouco, porem sem cria por ter morrido, cuja escrava esta criando, quem a pertender comprar, dirija-se a esta Typographia que se lhe dirá quem vende, e promete acomodarse no preço; tambem se toca por um moleque da mesma idade inda mesmo com alguma volta. Caxias 31 de Maio de 1949.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

A utilização do adjetivo “parida” é algo que só encontramos nos anúncios da região Nordeste. Esse termo indica que uma mulher deu à luz, e é utilizado ainda nos dias de hoje, porém se aplica mais comumente a animais que tiveram cria e não a mulheres, embora, aqui no Nordeste, haja pessoas que ainda utilizam essa palavra para se referir a gestantes. Outro termo muito utilizado no Nordeste é “beijudo”, palavra que caracteriza alguém de lábios grandes e grossos. O anúncio em que encontramos essa palavra é o de fuga de 1860, do jornal “Coalição”:

Exemplo 9 - F60 Jornal A Coalição 11/03/1866

Fugiu ao abaixo assignado em 15 de janeiro próximo passado o seu escravo de nome Manoel. (por alcanho prego) idade 40 a 45 anos, pouco mais ou menos, crioulo retinto, beijudo, queixo largo, nariz chato, cabelos currupinha já com alguns brancos, olhos regular e conxa da perna direita, proveniente de um tiro que levou no pé. Bom oficial de ferreiro, sabe ler, escrever e tocar rabeca de muita habilidade que tem. (inelegível) muitas vezes por ferro. Quando fugio levou consigo alguns livros. Quem o capturar, e entregar na fazenda da Graça no distrito do (ilegível) assegura-se que terá uma boa gratificação. Maranhão, 01 de fevereiro de 1862
Pedro M. Ribeiro

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Além de a caracterização dos lábios ser diferente em determinadas regiões, a descrição do cabelo também variava bastante. Na região Nordeste, se definia cabelo liso como “Cabelo corrido”, e, nas outras duas, era utilizado o termo “liso”. Quando havia outra caracterização

dos cabelos, cada região atribuía um item lexical diferente: para o Nordeste, “cabelo currupinha”; para o Norte, “Cabelo grosso anelado”; para o Sudeste, a nomenclatura que utilizamos até hoje, “cabelo crespo”. Esses itens lexicais podem ser vistos nos anúncios F60, F50 e F00, já reproduzidos aqui. Constatamos que justamente a nomenclatura utilizada no sudeste foi a que permaneceu e é considerada “correta” atualmente

Sendo assim, compreendemos que os itens lexicais podem mudar de acordo com a região, a cultura e o contexto de cada anúncio, o que torna os estudos sobre eles ainda mais complexos e amplos. Compreender que, embora falemos a mesma língua, ainda podemos utilizar palavras que outras pessoas desconhecem, mais um sinal de que o léxico não pode ser considerado como um código de forma estrutural, mas que devemos considerar sua funcionalidade nas situações comunicativas.

Na comparação entre os jornais, as escolhas lexicais apresentam diferenças muito sutis, quase imperceptíveis, já que, na maioria dos casos, seguem uma espécie de molde. Os anúncios de fuga são sempre iniciados por caracterizações físicas e vestimenta dos escravizados e algumas vezes apresentam informações sobre as habilidades, o local da fuga, o local onde deve ser entregue e uma promessa de gratificação. Os anúncios de venda sempre começam com uma descrição positiva dos escravizados, e os de aluguel com a determinação da habilidade que está sendo ofertada.

Em alguns casos, os anúncios eram assinados pelo autor, e isso ocorria em todos os jornais, mas não em todos os anúncios. Outro ponto relevante é que os adjetivos se sobressaem em quantidade em relação ao uso dos substantivos. Em todos os jornais, o número de adjetivos ultrapassa o número de substantivos, o que não quer dizer que isso ocorra em todos os anúncios, essa base varia de acordo com a funcionalidade.

Os jornais seguem uma espécie de estrutura, e o que vai mudar de um para outro são os itens lexicais escolhidos, que não seguem um padrão de anúncio para anúncio, ou seja, cada anunciante determinava o item de acordo com o tema, e esses itens poderiam se repetir em qualquer um dos 8 jornais. Sendo assim, não encontramos dados relevantes que pudessem ser utilizados para diferenciar a escrita dos jornais.

Apesar disso, dois jornais chamaram nossa atenção por pertencerem a órgãos de partidos distintos, os conservadores e os liberais. O jornal “A época”, publicado no Piauí, do qual retiramos anúncios da década de 1870 e 1880, apresenta ideias escravocratas, contrárias aos ideais abolicionistas, na defesa do direito à propriedade e à hierarquia social, visando à estabilidade. Nos anúncios encontrados, fica clara essa ideia conservadora, que exprime os direitos dos senhores e as condições dos escravizados, como no Exemplo 2, repetido a seguir:

Exemplo 2 - V70 Jornal A epoca 22/10/1878

Atenção!!

Tendo sido capturada a escrava Esperança na casa de uma Sr. Ursula de tal e seu filho Abreu Bacellar, onde se achava açoitada: e querendo o abaixo assignado vende-la faz publico para conhecimento de todos que fará com a dita escrava todo e qualquer negocio até mesmo a prazo. Quem a pretender entenda-se com o Sr João Raymundo Martins, nesta cidade, ou com o abaixo assignado em sua quinta á margem do rio Parahyba, aonde se acha a referida escrava.

Theresina, 22 de outubro de 1878.

José Antonio de Lemos.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

Jornais de órgãos conservadores como “A epoca” publicavam abertamente sobre os maus tratos sofridos pelos escravizados. Em V70, observamos o adjetivo dado à escravizada Esperança, “açoitada”, o que nos revela que o jornal comentava livremente sobre as agressões dirigidas aos escravizados, prática comum contra os cativos, que, para sociedade da época, não causava repulsa ou estranhamento na maioria. Embora todos os outros jornais anunciem fuga, venda e aluguel de pessoas, apresentam, em alguns casos, palavras que caracterizam positivamente os escravizados, principalmente nas situações de venda, entretanto, nos dois casos de venda da década de 1870 e 1880, produzidos pelo jornal do órgão conservador, não há nenhuma menção a qualquer tipo de característica física ou habilidade favorável. Para mais, é importante ressaltar que há poucos adjetivos nos anúncios escritos no jornal conservador, sejam eles positivos ou negativos; os adjetivos aparecem com bem menos frequência do que em qualquer outro anúncio.

O periódico do partido liberal é “A actualidade”, do qual retiramos o anúncio de fuga da década de 1870. No anúncio de fuga dessa década, há muitas caracterizações físicas do sujeito e também muitas habilidades, o que já o difere bastante do anúncio de venda anteriormente apresentado. Embora os itens lexicais utilizados caracterizem positivamente de alguma forma os escravizados, os órgãos de partido liberal não tinham nenhum compromisso com a liberdade dos escravizados; seu principal foco eram os direitos dos senhores rurais e das classes médias urbanas.

As escolhas lexicais desses tipos de jornais revelam muito sobre suas crenças políticas e às vezes religiosas, visto que apresentam ideais e pensamentos próprios dessa área. Entretanto, nos anúncios de escravos que compõem nosso *corpus*, apesar de tudo ser politizado, não encontramos muitos indícios dessa diferenciação. Posto isso, reforçamos que, apesar de serem jornais distintos, publicados em diferentes regiões do país, as escolhas dos

itens lexicais foram semelhantes, apresentando apenas alguns indícios das variações linguísticas de cada local, mesmo que o texto principal ainda seguisse uma espécie de modelo geral. O fato de serem jornais de órgãos liberais ou conservadores não interferiu significativamente nas escolhas lexicais, exceto no caso do jornal “A época”, que não utilizava nenhum item que demonstrasse algo positivo sobre os escravizados.

5.2.3 Passagem das décadas

Quando pensamos nos anúncios de jornais e procuramos as diferenças lexicais propriamente ditas no passar dos anos, não encontramos diferenças significativas, embora haja 80 anos de distância entre os anúncios. O que ocorre é que, no início do século, os anúncios costumavam apresentar textos um pouco menores, o que se dava pela colocação deles nas páginas dos jornais, visto que, até a década de 1820, eram escritos sem colunas.

Quanto ao desuso de alguns itens bastante usados até a década de 1830, nós temos o adjetivo “ladino”, que servia para indicar que um escravizado sabia falar a língua local, realizava trabalhos domésticos e tinha recebido algum tipo de educação, e a indicação da nação africana à qual o negro pertencia. O desuso se dá devido à proibição do tráfico negreiro pela lei Eusébio de Queiroz, pois, com a proibição da importação de negros, não havia tantos escravizados que não soubessem falar a língua local, assim como prescrevia a indicação da nação de onde o cativo havia sido capturado, afinal, teoricamente, nenhum dos cativos poderia ter sido trazido da África após a imposição da lei.

Outro ponto percebido das mudanças nos anúncios foi a dificuldade de encontrar anúncios de aluguel após a década de 1870, e maior dificuldade em encontrar qualquer tipo de anúncio, independente da funcionalidade, na década de 1880, pois já surgiam os primeiros indícios de abolição. Entre os anúncios encontrados, nós temos um que é bastante pertinente para a análise, o anúncio de fuga da década de 1880, que apresenta relatos dos ideais abolicionistas e, para além disso, novos itens lexicais, não vistos nos anúncios analisados de décadas anteriores apareceram. Ele está reproduzido no Exemplo 12, a seguir.

Exemplo 10 - F80 Jornal A Epoca 08/03/1884

O tenente Huceno Rodrigues Damaceno, d. Clara Rodrigues de Carvalho, Elpidio Rodrigues Damaceno, d. d. Adelaide Rodrigues Damaceno e Thereza Magdalena de Jesus, srs dos escravos Paulo, Antonio, Leonardo, Honorio, Octaviano, Amaro Rogerio, Estebão, Luiz, Libano, Euzebio, Malaquias, Silviano e Vicente, fazem público pela imprensa o seguinte protesto e declaração.

Os referidos escravos de propriedade dos mesmos, aconselhados por certo ente especulador, atrahidos pela onda da propaganda abolicionista do Ceará, certos que o direito de proprietario do *escravo* *alli esta aniquilado*, fugirão desde junho deste anno e segundo consta achão na Serra do Baturité gozando de *commoda* liberdade, que o parlamento ainda não poude declarar!

Debalde teem procurado ditos escravos, por que o terrão em que se refugião, até autoridades nega auxilio ao sr, para aconselhar a resistencia aos escravos.

Para em que tempo algum se diga que forão abandonados, fazemos esta declaração, protestando procural-os, se n'aquella Provincia ainda houver garantias a propriedade protegida pela Lei.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

A abolição da escravidão aconteceu no ano de 1888 e, nos textos dessa década, já houve algumas dificuldades para encontrar os anúncios. Os rumores da abolição já existiam desde o início da década, por isso que, mesmo esse anúncio sendo do ano de 1884, quatro anos antes da lei Áurea, e mesmo assim já percebemos traços fortes da sede por liberdade que havia entre os escravos e os apoiadores.

Nesse anúncio, vemos que há um grupo que se opõe fortemente à suposta ideia de liberdade e anuncia que seus escravos fugiram atraídos pela ideia de liberdade que surgia no Ceará. O anúncio, além de informar a fuga e o desejo dos senhores de recuperar os escravizados, também é uma declaração pública de que não deram liberdade aos escravizados e de que, ao procurar as autoridades para capturá-los, o auxílio foi negado. É importante ressaltar que o jornal pertence ao órgão conservador, que, de acordo com seus ideais, acredita no direito de propriedade dos senhores, sendo, assim, contra as ideias libertárias.

Outro ponto que devemos sinalizar é a citação dos indícios de abolição no Ceará, que ocorreram 4 anos antes da abolição nacional, devido às greves dos jangadeiros e aos fortes apoiadores que lutavam contra a escravização de pessoas. Os escravizados do Nordeste, mais precisamente, do Piauí, estado onde foi publicado esse anúncio, tiveram as esperanças renovadas diante dos acontecimentos no Ceará e, segundo o anúncio, foram seduzidos pelos ideais de liberdade.

Observando os itens nominais utilizados nesse anúncio, vemos que houve uma mudança considerável em comparação aos anúncios analisados anteriormente, visto que não há caracterização física de nenhum dos escravizados fugidos, assim como não há relatos sobre suas habilidades. A única informação que temos sobre os cativos são seus nomes. Os itens lexicais que são utilizados nesse anúncio fogem do modelo tradicional encontrado nas outras décadas; encontramos o uso dos adjetivos “abandonados”, “atraídos” e “aconselhados”, itens

que não aparecem em nenhum outro anúncio que analisamos, logo consideramos ser algo relacionado ao momento em que se encontrava a sociedade.

Pensando nisso, podemos inferir que a intenção principal por trás desse anúncio, além da recuperação dos escravizados, é deixar claro que não concordam com os atos abolicionistas e que, apesar de os escravizados estarem gozando de liberdade, eles não abrem mão da propriedade. Além disso, podemos perceber que se acredita que os escravizados procuraram a fuga não por conta dos maus tratos ou por vontade própria, mas porque algum ente especulador aconselhou-os de que a escravidão estava aniquilada e de que a fuga seria um jeito de alcançar essa liberdade.

Sendo assim, vemos que os anúncios de fuga podem conter muito mais do que a intenção de recuperar o escravizado. Os textos são construídos diante da intencionalidade dos autores, e os itens lexicais presentes neles são escolhidos para expressar suas intenções da melhor forma possível.

5.3 Uma breve síntese das análises

Ao analisar os anúncios nas três categorias, percebe-se que a escrita dos anúncios, ou seja, os itens lexicais escolhidos variavam de acordo com a funcionalidade do anúncio. Nos anúncios de venda, havia uma maior recorrência de substantivos destacando as habilidades dos escravizados; nos anúncios de fuga, a maior parte dos itens nominais utilizados eram adjetivos, visto que a principal intencionalidade era a caracterização física com fim de facilitar o reconhecimento dos fugitivos; nos anúncios de aluguel, os itens nominais apareciam em pouca quantidade, pois eram mais curtos, e a intenção principal era oferecer um serviço, e não propriamente o escravizado.

Os veículos de publicação apresentaram poucas diferenças entre si, visto que os jornais seguiam uma espécie de molde na escrita dos três temas de anúncios. Sendo assim, a diferença encontrada foram a regionalidade e as variedades linguísticas presentes na região Nordeste, que não eram utilizadas em nenhuma das outras duas regiões. Outro ponto importante foi o fato de existirem jornais de órgãos liberais e conservadores. O jornal do órgão conservador utilizava menos adjetivos, apresentando poucas caracterizações dos escravizados, mesmo em casos de fuga, como no anúncio F80. Além disso, quando destacamos os partidos, percebemos as posições políticas abordadas em cada um deles e se a escolha dos itens lexicais apresentava, em seu discurso, um pouco dos ideais dos autores. Nos

casos dos anúncios de escravos, a ideologia ficou um tanto velada, até porque os partidos citados não tinham relação direta com os ideais de escravidão ou a abolição.

Antes de analisar os anúncios do órgão do partido liberal, nossa hipótese era de que existiriam indícios de ideias abolicionistas, porém isso não ocorre, pois a escravidão era algo comum e gerava lucros, independentemente do partido e de seus ideais. Sendo assim, os escravizados não tinham apoio de nenhum dos dois partidos citados, pelo menos na textualização das comunicações. Ainda, os jornais cobravam pela publicação dos anúncios, logo carregavam uma certa intervenção dos discursos daqueles que os financiavam. Além de analisar os itens nominais nas funcionalidades e nos veículos de publicação, também observamos suas mudanças com o passar do tempo. As características mais significativas são a ausência de alguns adjetivos e substantivos muito usados antes da lei nº 581, de 4 de setembro de 1850 (Lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico negreiro). Antes da proibição da importação dos negros da África, o uso do item “ladino” e a indicação da nação eram muito comuns nos anúncios de fuga, pois era uma forma de caracterizar os escravizados. Após a proibição, a indicação da nação ficou obsoleta, assim como o item “ladino”, dado que todos, ou pelo menos a maioria dos escravizados, por não terem sido trazidos de outros continentes recentemente, sabiam falar a língua portuguesa pelo menos um pouco.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa buscamos estabelecer a compreensão dos itens lexicais, mais precisamente dos adjetivos e substantivos, considerando seus usos nos anúncios de escravos do século XIX, a partir de uma perspectiva textual-interativa, ou seja, reconhecemos as escolhas e os variados sentidos que um mesmo item pode apresentar, assim como o contexto no qual está inserido. Utilizamos, nesta análise, anúncios de venda, fuga e aluguel de escravizados, nos quais os itens nominais eram usados com uma intencionalidade diferente em cada um, buscando alcançar seus próprios objetivos. Nesse sentido, analisamos as escolhas lexicais na produção dos anúncios em suas funcionalidades e buscamos compreender de que forma os adjetivos e substantivos apareciam nos anúncios de escravos do século XIX.

Estabelecemos, então, que os substantivos eram mais frequentes em anúncios de venda, visto que havia muitas indicações das habilidades dos escravizados. Em contrapartida, os adjetivos eram utilizados nos anúncios tanto de venda quanto de fuga, apresentando uma variedade muito maior desse item nominal nos anúncios. Nos casos de anúncios de aluguel, os adjetivos aparecem raramente, entretanto, por serem textos curtos, também apresentam menos substantivos, visto que o objetivo dessa funcionalidade é a de oferecer um serviço específico.

Nos anúncios de fuga a intenção por trás do uso dos adjetivos é de identificação, e, nos anúncios de venda e de aluguel, as características aparecem baseadas na intenção do anunciante de chamar atenção para o “produto” ao valorizar suas qualidades e funções.

Observou-se também que a regionalidade interfere no uso de alguns itens nominais e que esses itens vão variar de acordo com a cultura do local em que o texto foi produzido. Outro elemento que interfere nas escolhas lexicais é o tempo; alguns itens caem em desuso, como “nação” e “ladino”, ou há o aparecimento de novos itens como “criada” e “livre”. Em alguns exemplares, percebemos uma manifestação contra os ideais abolicionistas, cuja figura aparece nitidamente nos anúncios da década de 1880.

Após a realização das análises nas três categorias, percebemos que a categoria que aborda os temas, ou seja, as funcionalidades dos anúncios apresentam mais possibilidades de análise dos itens lexicais, visto que há mais diferenças entre os anúncios, que são claramente distintos diante dos itens lexicais que os autores escolhem para produzir ou promover o discurso contido nos textos. Logo, consideramos que a categoria de funcionalidade seja a mais relevante dentro desse estudo, pois, quando buscamos pela análise das décadas e dos veículos de publicação, os dados encontrados demonstram menos opções para o estudo dos itens lexicais, com menos diferenças encontradas.

Sendo assim, ressaltamos a importância do contexto, da cultura e da sociedade em que os anúncios foram produzidos e suas influências nas escolhas dos itens lexicais, que visam sempre à intencionalidade atribuída a cada tipo de anúncio.

Em resposta a nossa pergunta de pesquisa, nossa análise resultou na compreensão de que as escolhas dos itens nominais estão diretamente ligadas à construção de sentidos diversos e de discursos diferentes presentes em cada funcionalidade de anúncio, ou seja, os itens têm funções diferentes de acordo com a temática do que está sendo anunciado; nesses casos, os anúncios de fugas, vendas ou aluguéis. Posto isso, consideramos que a função textual-interativa dos itens nominais nos anúncios de escravos nos jornais do século XIX é a de identificar, caracterizar e exemplificar os próprios escravizados ou suas funções, de acordo com a finalidade do anúncio.

Nossa pesquisa foi desenvolvida em perspectiva funcional, e não estrutural. A relevância deste trabalho está no fato de analisarmos de maneira textual-interativa os anúncios e considerarmos que os itens nominais são utilizados de acordo com a escolha e intencionalidade de cada autor. Sendo assim, consideramos que um mesmo item lexical pode ser usado em todos os tipos de anúncio, mas que, diante do contexto em que é aplicado, seu significado pode mudar. Portanto, entendemos que os itens lexicais são mais do que estruturas da língua, são instrumentos utilizados por interlocutores a fim de externar discursos próprios.

Além das análises dos itens lexicais presentes nos anúncios de jornais do século XIX, o material analisado permite uma grande variedade de estudos, desde questões históricas e de linguagem a questões culturais. Um bom direcionamento de pesquisa está relacionado às indicações das nações (Benguela, Moçambique, etc.) às quais os escravizados pertenciam, e de que forma essa variedade de povos colaborou e interferiu na cultura e nos costumes brasileiros que temos hoje, pelas danças, culinária, lendas e tantas outras formas de cultura que têm sua origem nesses povos. Ao analisar a recorrência maior de determinadas nações em algumas regiões por meio dos anúncios, pode-se inferir sobre as influências que cada região sofreu em decorrência da povoação de cada uma delas. Para mais, utilizando deste objeto de pesquisa, há a possibilidade de se trabalhar, em um estudo filológico, a evolução da língua, especialmente sua forma escrita, visto que se apresentam muitas distinções da forma ortográfica atual. Os anúncios de escravos de jornais do século XIX permitem que muitas outras pesquisas sejam realizadas a partir desse material. Nosso trabalho contribui com o resgate dessa fonte e mostra que, apesar de serem documentos antigos já analisados, ainda há muitas oportunidades de investigação em vários âmbitos da ciência, no campo linguístico, histórico, social ou cultural.

REFERÊNCIAS

A **ACTUALIDADE**: orgao do Partido Liberal. Ouro Preto, MG: Typ. de Jose Egydio da Silca Campos, 1878-[1882]. 47,5x31,5 cm. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/actualidade/230359>. Acesso em: 31 jan. 2023.

A **AURORA: folha politica e commercial**. Caxias, MA: Typ. Independente, de E.B.L. dos Reis, 1849-. 30x20 cm. 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/aurora/759856>. Acesso em: 12 out. 2022.

A **CAPITAL**. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1892-. 56x38. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/capital/570907>. Acesso em: 22 out. 2022.

A **COALICAO**. São Luis, MA: Typ. do Progresso, 1862-1866. 47,5x30,5 cm. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/coalicao/704377>. Acesso em: 20 out. 2022.

A **EPOCA**: órgão conservador. Therezina [Teresina, PI]: [s.n.], 1878-1884. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/epoca/164135>. Acesso em: 31 jan. 2023.

A **EPOCHA: folha politica, commercial e noticiosa**. Belém, PA: Typ. do Observador, 1859. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/epocha/720828>. Acesso em: 13 out. 2022.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMANTINO, Márcia. **Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do jornal “O Universal”- 1825 – 1832**. Revista Locus. Juiz de Fora. Vol 12. nº 2. p. 59 – 74. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20642>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. **Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua**. Detroit: GEO. E. Pomeroy & Co., 1854. Tradução Marcelo S. Gonçalves. Edição eletrônica: Paraná, 2015.

BERGAMINI, Atilio. Escravos: escrita, leitura e liberdade. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, p.115-136, 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/633/404> Acesso em: 30/06/2022.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. *In*: RIO-TORTO, G. *et al.* (orgs.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747–756.

CARDOSO, Elis de Almeida. O léxico na sala de aula: da teoria à prática pedagógica. In: VALENTE, André Crim (Org.). **Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 118-124.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Procura-se "preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa": uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888)**. 2006. 418 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CARVALHO, Kátia. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da informação**, 25.3 (1996).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2020.

DIÁRIO Mercantil. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Emile Seignot-Plancher e Comp., 1830- . 30x20 cm. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-mercantil/772852>. Acesso em: 27 set. 2022.

DOMINGUES, Carlos Vinícius Schettini da Silva. **Desafiando o cativo: fuga de escravos no rio de Janeiro Joanino (1808-1821)**. Dissertação de mestrado. UFRJ: Rio de Janeiro, 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

FELIPE, Mariely de Albuquerque Mello. Os escravos de ganho na América portuguesa na primeira metade do século XIX. **História** 16 (1988): 108. Disponível em: https://www.academia.edu/10372893/Os_escravos_de_ganho_na_Am%C3%A9rica_portuguesa_na_primeira_metade_do_s%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 02 jan. 2023

FERREIRA, Heloísa Souza. Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849 – 1888). **Revista Temporalidades**. Minas Gerais. Vol. 2. n. 2. p. 67-75. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5402/3329>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais do século XIX**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GAZETA do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Impr. Régia, 1808-1822. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta.htm. Acesso em: 12 out. 2022.

LIRYO, A.; SOUZA, S.M; COOK, D.C. Dentes intencionalmente modificados e etnicidade em cemitérios do Brasil Colônia e Império. **R. Museu Arq. Etn.**, São Paulo, n. 21, p. 315-334, 2011.

MACHADO, Anderson da Silva. Escravos, jornais e propaganda: O Piauí na rota da escravidão de 1848-1885. ANPUH- Brasil - **31º Simpósio nacional de história**, Rio de Janeiro/RJ, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627620368_ARQUIVO_4a07d8d6b0818387176c81f9ad630056.pdf Acesso em: 30 jun. 2022.

MANEIRA, Regiane. Anúncios de escravos no jornal O Dezenove de Dezembro (Curitiba – 1854) e suas possibilidades de pesquisa. **Revista Tempo, Espaço, Linguagem**. Vol. 5, n. 2. p. 36-49. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/6628>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

MONTEIRO, Tânia Regina do Nascimento. **Gênero textual anúncio publicitário: ensino, persuasão e meio ambiente em uma escola estadual de Belém-Pará**. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional.

MOREL, Marco. Imprensa periódica no século XIX. **BNdigital**, Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/imprensa/imprensa-periodica-no-seculo-xix/>. Acesso em: 19. dez. 2022

NASCIMENTO, Gisele. “Quem o apreender será gratificado”: Uma análise das fugas de escravos no pharol e o leopoldinense. ANPUH- Brasil. **2º encontro internacional de história e parcerias**, Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=630 Acesso em: 30/06/2022.

NEVES, José Herbertt. **Argumentatividade das palavras: construção de aparato textual interativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, Mário A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALES, José Roberto (1957-) **A emancipação político-administrativa de Varginha (MG) 1882**. 1. ed. Varginha (MG), 2017.

SILVA, Alexandra Lima. O saber que se anuncia: o poder da palavra em tempos de escravidão (Rio de Janeiro, 1830 a 1888). **Revista brasileira de história da educação**. v.18, Maringá, PR, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/vzXpZ8J4rGnRqSBz5Q69dc/abstract/?lang=pt> Acesso em: 30/06/2022.

SILVA, Robson Roberto. A presença das amas-de-leite na amamentação das crianças brancas na cidade de São Paulo no século XIX. **Antíteses**, vol. 9, núm. 17, enero-junio, 2016, p. 297-322.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins, 2014.

THEODORO, Mário. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008.